

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

VERÔNICA SABRINA NEGREIRO SILVA

**A GUERRA COMO TEMA ONIPRESENTE NA HISTÓRIA DA
HUMANIDADE**

BAURU
2017

VERÔNICA SABRINA NEGREIRO SILVA

**A GUERRA COMO TEMA ONIPRESENTE NA
HISTÓRIA DA HUMANIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel, sob orientação da Prof.^a M^a. Beatriz Sabia Ferreira Alves.

BAURU
2017

Silva, Veronica Sabrina Negreiro
S5869g
A guerra como tema onipresente na história da humanidade /
Veronica Sabrina Negreiro Silva. -- 2017.
82f. : il.

Orientadora: Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Guerras. 2. Cultura. 3. Efeitos. 4. Atualidade. 5. Humanidade.
I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

VERÔNICA SABRINA NEGREIRO SILVA

**A GUERRA COMO TEMA ONIPRESENTE NA HISTÓRIA DA
HUMANIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Sociais Aplicada da Universidade do
Sagrado Coração como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel sob orientação da Prof^a. M^a.
Beatriz Sabia Ferreira Alves

Bauru, 21 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof.^a M^a. Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M^a. Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a D.^{ra} Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa
Universidade do Sagrado Coração

Dedico este trabalho para minha irmã,
Lorenza, aos meus cachorros Kylo e
Sirius, e a minha namorada, Rafaela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai, pois sem ele eu não teria a chance de estar me graduando.

À minha família, minha mãe e meus avós que me deram todo o suporte que eu precisava, e todo o carinho.

Agradeço aos meus professores por me ajudarem nesta caminhada, principalmente a professora Roberta por nos incentivar sempre e nos apoiar.

Um obrigada em especial à minha orientadora, Beatriz, por estar sempre ao meu lado como professora e amiga, e me instruindo a ser uma profissional melhor.

Às minhas amigas que estiveram juntas a mim nesta caminhada, Thaís Mie, Juliana e Tayná.

Em especial, gostaria de agradecer a Márcia, pois sem ela não conseguiria ter me graduado com êxito, por ser uma ótima amiga e como uma segunda mãe para mim.

Por fim, gostaria de agradecer minha namorada, Rafaela, por sempre me incentivar a ser uma pessoa melhor, por me dar apoio em meus piores momentos, e por me levantar quando eu precisei, e por me dar o encorajamento necessário para a conclusão deste trabalho.

“It isn't what we say or think that defines us, but what we do.” – Jane Austen

RESUMO

A guerra é um tema recorrente na história humana, suas finalidades e seus modos foram e sempre serão motivos de estudo de teóricos. No entanto, nota-se certa falta de pesquisas atuais neste campo, pois apesar de haver uma variedade de teóricos até a Segunda Guerra Mundial ainda falta teóricos que visam o cenário atual, portanto, este trabalho tem o objetivo de trazer à luz a atualidade da guerra, bem como sua historicidade, de modo que possamos compreender que a guerra é algo pertinente a natureza humana, tornando-se, até mesmo, uma cultura compartilhada por todos os povos. Todavia, há de se considerar suas consequências para a humanidade, assim como seus efeitos a longo prazo, e como o indivíduo responde a ela. Ademais, há de se constatar o movimento em espiral que a guerra toma, ou seja, sua evolução no tempo através de um estudo baseado em autores no campo das Relações Internacionais, e como isso também afeta o sistema internacional.

Palavras-chave: Guerras. Cultura. Efeitos. Atualidade. Humanidade.

ABSTRACT

War is a recurring theme in human history, its aims and its modes were and always will be the motives of theoretical study. However, there is a lack of current research in this field, for although there are a variety of theorists up to World War II, theories about the current scenario are missing, so this paper aims to bring to light the war, as well as its historicity, so that we can understand that war is something pertinent to human nature, becoming even a culture shared by all peoples. However, its consequences for humanity, as well as its long-term effects, and how the individual responds to it also needs to be considerate. In addition, the spiral movement that war takes, that is, its evolution in time through a study based on authors in the field of International Relations, and how this also affects the international system.

Keywords: Wars. Culture. Effects. Actuality. Humanity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBC	British Broadcasting Corporation
CIA	Central Intelligence Agency
EUA	Estados Unidos América
KGB	Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti
GCP	Grandes Corporações Transnacionais
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
RFP	Frente Patriótica Ruandesa
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEITOS ACERCA DA GUERRA	14
2.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA	14
2.2. OS DIFERENTES TIPOS DE GUERRA	32
2.3. A IMPORTÂNCIA DA ESTRATÉGIA	37
2.4. AS CAUSAS DA GUERRA	39
3 AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA PARA A HUMANIDADE	43
3.1. OS ATORES DA GUERRA.....	43
3.2. ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS.....	47
3.3. A INFLUÊNCIA DAS GRANDES POTÊNCIAS	51
3.4. RESPOSTAS DO SUJEITO À BARBÁRIE	52
4 OS EFEITOS QUE PERDURAM	54
4.1. A TENTATIVA DE ESQUECER E A MUDANÇA DE FOCO.....	54
4.2. A FORÇA DE TRADIÇÃO	56
4.3. OS EFEITOS DA GUERRA	59
4.4. NÓS DEPENDEMOS DA GUERRA?	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	77
ANEXO A – O GRAN CHACO, PALCO DE OPERAÇÕES DA GUERRA DO CHACO.	77
ANEXO B – BLOQUEIO CONTINENTAL DE NAPOLEÃO.	78
ANEXO C – “VOCÊ ESTÁ LUTANDO CONTRA UM ESTADO QUE NÃO POSSUI ‘FALHA’ EM SEU DICIONÁRIO”.	79
ANEXO D – “VOCÊS NÃO CONHECERAM SEGURANÇA ATÉ VIVERMOS EM ESTADOS MULÇUMANOS”	80
ANEXO E – "NOSSAS PALAVRAS SÃO O QUE VOCÊ VÊ, NÃO O QUE VOCÊ OUVE. ENTÃO ESPERE. NÓS ESTAMOS ESPERANDO TAMBÉM..."	81
ANEXO F – REVOLUÇÕES DOS ATAQUES MILITARES E REVOLUÇÕES MILITARES.....	82

1 INTRODUÇÃO

As guerras estão presentes em toda a história humana, embora, após a criação da Organização das Nações Unidas às guerras entre estados tenham diminuído, as guerras civis têm tido um aumento exponencial e há o surgimento, também, das guerras assimétricas. No entanto, apesar do tema em questão ser alvo de estudos no campo das Relações Internacionais pelos últimos três séculos, aqui explicamos o porquê de sua onipresença em nossa história através do estudo de autores que tratam sobre o tema.

A Guerra sempre foi algo inerente à história humana, podemos encontrar uma infinita variedade de informações sobre o tema, no entanto, ao procuramos com mais precisão sobre o assunto, em específico os porquês e finalidades, notamos certa falta de um estudo aprofundado e pensado na atualidade, há várias publicações sobre guerras, mas quase todos os autores pensavam somente até a Guerra Fria. É devido a esse lapso de conteúdo que se deu o início deste trabalho, uma vez que este tema é algo corriqueiro no cenário atual, principalmente no que tange às discussões no campo das Relações Internacionais.

Podemos considerar, também, os impactos das guerras sobre a sociedade, quais consequências elas trazem e como isso muda o cotidiano dos povos acometidos por elas, ou seja, como isso modificou o modo de viver da sociedade. A paz seria consequência da guerra nessas sociedades ou apenas uma paz armada em detrimento à justiça em meio à violência?

A proposta deste trabalho foi buscar mais respaldo científico nos teóricos das Relações Internacionais e responder a questionamentos impostos ao longo deste artigo, levando em consideração as análises feitas em relação aos produtos provenientes das guerras em nossa sociedade.

Desse modo, o tema em questão e a problemática aqui tratada seguem em contato direto com a realidade atual vivenciada ao redor do globo, haja vista também foi e sempre será um tema atual, levando em consideração que as guerras são um direito do ser humano.

Considerando que ao longo da história humana, em todos os períodos vivenciados pelo homem, as guerras sempre estiveram presentes em todos os

períodos vivenciados pelo homem, desta forma, as guerras sempre foram existentes, constata-se que elas sempre serão algo pertinente à nossa realidade.

A questão apurada, então, é por que as guerras, mesmo sendo nocivas, estão inerentes à vida humana, e se elas são cíclicas. Ademais, as Guerras também são utilizadas, muitas vezes, para a conquista de poder e como ferramenta de repressão, portanto, investigamos sua legitimidade e se os avanços tecnológicos que nós hoje desfrutamos, como o GPS e a internet, oriundos delas foram suficientes para contrapor as perdas humanas.

O propósito deste trabalho foi analisar a presença das Guerras ao longo da história da humanidade e identificar seu papel e sua importância para o cenário atual. Através de uma análise de fatos obtidos por meio da leitura de teóricos, identificamos os principais acontecimentos, os motivos que acarretaram os conflitos e seus desdobramentos.

Identificamos, entendemos e analisamos as causas geradoras das conflagrações, sua presença na história, e inquirimos sob perspectivas teóricas a finalidade de tais conflitos analisando, também, como suas consequências afetam os indivíduos, e como seus efeitos perduram até hoje.

A pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como explicativa, tendo em vista que possuímos uma abordagem indireta dos fatos analisados por meio de referências bibliográficas.

Para o presente trabalho realizou-se o uso do método hipotético dedutivo como meio de metodologia. Justifica-se o uso deste devido a sua classificação explicativa e, também, por ao final deste trabalho conter uma hipótese para a resolução do problema aqui apresentado.

No mais, os documentos, periódicos e livros aqui utilizados como meio de coleta de dados estão organizados em relatório como parte integrante do estudo monográfico que foi realizado.

2 CONCEITOS ACERCA DA GUERRA

Vários conflitos marcaram a história da humanidade, muitas delas mudaram civilizações inteiras ou o modo como agimos. Neste capítulo faremos um rápido panorama por algumas guerras que de alguma forma contribuíram para nossa história. Além disso, analisaremos suas características, tipos, e os motivos as qual a sucedem.

2.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Para começarmos a falar sobre Guerra é necessário que tenhamos uma base sólida para que haja comparações eficazes, é com esse intuito que utilizaremos o tratado estratégico militar mais conhecido no mundo: a Arte da Guerra de Sun Tzu.

Para Sun Tzu é necessário que existam cinco condições para a guerra: a lei moral, céu, terra, o comandante, método e disciplina. Ele não acredita que o confronto seja a melhor estratégia, pelo contrário, a melhor receita para a vitória é conseguir evitar o combate. Conhecer o inimigo, planejar antecipadamente, ter paciência, ser sábio em tomadas de decisões e possuir um “comandante” benevolente e que inflame o desejo de lutar de seus soldados é essencial para uma boa campanha. “Na guerra, portanto, seu objetivo principal deve ser a vitória, não prolongar a campanha.” (Sun Tzu VI a.C.)¹

Escrito na China em meados do século VI a.C. época onde ocorreu uma transição da sociedade escravista para a feudal, nota-se que a partir dali, há a descentralização do poder político, os chefes militares locais começaram a agir com autonomia, resultando em disputas de hegemonias territoriais.

Notamos, então, uma certa semelhança com os tempos atuais onde as pequenas nações presentes no cenário internacional vêm ganhando espaço nas negociações – tanto de paz quanto comerciais – e, assim, há também uma descentralização dos grandes polos de hegemonia internacional, que estamos acostumados desde o século XIX.

¹ TZU, Sun. A Arte da Guerra: os 13 capítulos originais; tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Clio Editora, 2008.

No entanto, antes de passarmos para o período atual de nossa história é necessário fazer uma rápida recapitulação sobre os períodos passados e como isso mudou o modo como as guerras são realizadas hoje e seus objetivos reais.

Nos primórdios da Antiguidade, nossos ancestrais batalharam a chamada “Guerra do Fogo”, onde a sobrevivência das primeiras comunidades estava a mercê de uma pequena chama que emanava calor e afugentava até os maiores dos predadores do homem, foi por meio dela que eles conseguiram certificar-se de nossa sobrevivência hoje.²

No fim da Pré-história ocorre o desenvolvimento e evolução das sociedades humanas elevando o patamar das guerras e seus níveis de civilização. O que antes somente importava a sobrevivência do homem, agora, nas civilizações pré-clássicas datadas a partir do século V a.C, há objetivos maiores e mais elaborados como a conquista de territórios, a defesa deste, ou meios para alcançar um poder ainda maior para a formação de impérios. Podemos destacar a Suméria, que dos séculos V a.C a VIII a.C, obteve os primeiros líderes militares devido a intensidade de suas batalhas e foi imprescindível a especialização militar e desenvolvimento da metalurgia de armas.

É também na Suméria que surge o conceito de batalha militar, uma vez que as longas distâncias e incursos necessitavam de tempo e preparo. É sob a liderança de Sargão de Acácia, considerado o primeiro imperador da história, que a Suméria lutou 34 guerras, demonstrando seu caráter ininterrupto e foi através destas batalhas que houve a unificação da Mesopotâmia.

Na Mesopotâmia se iniciam as primeiras revoluções “tecnológicas” da guerra, podemos citar o aparecimento de novos guerreiros com melhores treinamentos militares e o advento do carro de guerra, que foi uma verdadeira revolução no modo de batalhar, apresentando maior mobilidade aos guerreiros, tornando-os, juntamente de seus treinamentos, rápidos e eficazes no campo de batalha, alcançando assim um novo patamar na forma de guerrear.

Na Mesopotâmia também, a Assíria ganha um papel de destaque por ter alcançado o esplendor militar através de seus carros de guerra e de sua organização logística, que a fizeram ser um exército modelo naturalmente. Além

² Documentário A Guerra do Fogo (La Guerre du Feu), Jean-Jacques Annaud. França: 1981.

disto, foi esta civilização que introduziu a ideia de prisioneiro de guerra, barcos para as campanhas e o uso de cidadãos para o serviço de armas.

Com sua capacidade logística e seu modelo de exército, os assírios conseguiam efetuar marchas de longa distância que chegavam até 480km de extensão. Sendo assim, esta forma de organização militar foi concebida por várias civilizações da Mesopotâmia e além dela.

A civilização Grega surgiu no século XVIII a.C. e permaneceu até o ano 404 a.C.³, e é considerada a primeira civilização clássica. Há o surgimento de novos estilos de empregar as tropas segundo suas formas de organização, possuindo um caráter permanente e o adestramento de seus combatentes era constante. Havia também uma veia democrática no exército grego que refletia as origens e o clima em Esparta.⁴

A tática grega de unidade militar tinha por base a falange, o que corresponde a infantaria, que representava uma forma concreta de organização. Devido à forte influência da vida militar no âmago da sociedade grega surgiu o espírito espartano, já que em Esparta os jovens eram recrutados desde cedo para que pudessem cumprir os treinos militares rigorosos mantendo, assim, um padrão de qualidade.

A forma de organização da Falange foi alterada por Alexandre “o Grande”, quando este assumiu o comando militar, devido a desafios militares de sua época. A Grécia foi palco de duas batalhas importantíssimas para a História como, a Batalha de Maratona, que decorreu em 490 a.C., com o objetivo de defender o destino da democracia frente à tirania. A segunda foi a Batalha de Arbelas, 331 a.C., onde se disputava a defesa da cultura ocidental contra a cultura oriental.

Roma pode ser considerada a segunda civilização clássica, tendo potencial como centro cultural para a humanidade, e avançada no que tange aos temas políticos e militares. Não é para menos que a palavra “pátria” surgiu nesta civilização, e também é aqui que surge o conceito de Estado, que é primordial para que entendamos em sua máxima capacidade sobre a guerra em Roma. Foram três períodos: Monárquico, Republicano e Imperial. Militarmente, todos os períodos possuem suas características próprias e todas tiveram papel essencial no desenvolvimento militar de Roma, foi durante estes períodos, principalmente nas Guerras Púnicas, que Roma obteve sua grandeza territorial através de conquistas,

³ MAGNOLI, Demétrio, organizador. História das Guerras. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2015, p.30.

⁴ Muitas das batalhas eram baseadas na ideologia da democracia.

incorporações, controle e administração por meio de vida político-militar dos romanos.

Devido à natureza de grande territorialidade de seu império e das demandas da guerra, os povos romanos criaram o censo de população para uma melhor organização militar, contribuindo, assim, para seu avanço militar. Com o elemento de força que o exército romano possuía, além de uma alta disciplina e instrução rigorosa em todos os ângulos, e uma atuação prática que Roma conquistou Itália, Cartago, Oriente e Gálias.

O exército romano possuía educação militar própria e seguia duas vertentes: formação moral e desenvolvimento profissional, exigindo assim de seus soldados desafios militares e pessoais. O Império Romano veio a conhecer seu declínio como resultado de um conjunto de causas, entre elas, a dificuldade em administrar a grande extensão territorial que o Império conquistou, competições políticas: brigas internas pelo poder e intrigas resultando mortes; conflitos entre as classes sociais; aumento da corrupção, entre outras.

O avanço bárbaro, Povos Germânicos e Nórdicos, resultante do declínio do Império Romano, deu aos bárbaros a chance de se apropriarem da herança militar greco-romana. Eles tornaram a guerra seu modo de vida e até mesmo fizeram da profissão militar, uma ocupação digna. Os bárbaros passaram a atacar diferentes direções e sem um objetivo específico, dando a Carlos Magno a oportunidade de despontar como líder e assim apresentar uma nova visão de guerra com base na motivação política. É neste escopo que as guerras passaram a ser políticas.

Ao criar o Império Carolíngio, ele organizou seu exército de acordo com a conformidade e exigências do seu tempo. Este exército adequou-se à guerra utilizando uma ordem de mobilização, onde os refratários deveriam fazer o pagamento de uma multa enquanto os desertores eram condenados à pena de morte.

As ações militares e políticas do Império Carolíngio trouxeram consequências no território da Europa, ditando o curso das mudanças e transformando as relações sociais e de classe. Porém, parte continental da Europa ainda conheceu outras invasões comandadas por povos normando vindos da Noruega e Dinamarca, estendendo-se até a Inglaterra e a Rússia. Suas ações mudaram as realidades socioeconômicas dos lugares atacados.

Em seus tempos medievais, a guerra continuou sua jornada e foi fundamental que sua arte sofresse modificações, principalmente na organização dos exércitos. Um exemplo disso foi o aparecimento do cavaleiro, que é símbolo do militarismo desta época. As táticas e batalhas feudais culminaram no surgimento da infantaria que despontaram na Batalha de Azincourt e logo após houve o das armas de fogo.

No mundo contemporâneo notamos que há a passagem do feudalismo para o capitalismo, tornando-se a Era da Massas com o advento tecnológico – os meios de produção – e econômico do povo. Assim sendo, baseando-se em concepções iluministas, liberdade, fraternidade e igualdade, podemos visualizar várias revoluções, desde a Francesa – que teve cunho nacionalista, pregando o exercício da cidadania e novas ideologias, que resultaram em uma política de massas e direitos civis – como também a Revolução Industrial – uma nova forma de produção em larga escala, que resulta em um novo avanço tecnológico refletindo no crescimento econômico e também no êxodo urbano – no mais, é necessário que lembremos também da Revolução Americana, que levou à independência das treze colônias britânicas, derrotando a maior potência militar do século XVIII também se utilizando da ideologia nacionalista, implantada no âmago de fazendeiros e granjeiros milicianos, que se tornaram uma verdadeira arma secreta contra as tropas que eram descritas segundo manuais, ou seja, com regras rígidas.

No contexto de 1792, na França, houve uma nova revolução militar, onde jovens de origem burguesa e oficiais fortaleceram a *Garde Nationale* com uso de armas de artilharia e engenharia, juntamente a eles milhares de camponeses passaram a usar o uniforme do exército nacional, deixando este de ser real⁵, pois servir à Pátria por meio do serviço militar era considerado um ideal de patriotismo. É nos anos de 1794-1795 que o recrutamento obrigatório é instaurado pelos governos revolucionários, chamado de *levée en masse*, trazendo o alistamento para o serviço militar moderno. O que a difere da convocação feudal que acontecia nos exércitos austríaco ou russo, é que servir à Nação demonstra lealdade para com ela e os valores empregados a estes tornam o soldado um indivíduo que mesmo disciplinado, necessita ser motivado e estimulado a lutar, não mais sendo apenas uma peça em um tabuleiro militar.

⁵ Pertencente à realeza.

Paralelo à substituição no plano cultural do Mecanicismo iluminista pelo Romantismo, os exércitos transmutaram-se em máquinas de passionalidade política e seu comando necessitava de oficiais providos de um carisma marcado pela simultaneamente pela eficácia técnica e liderança política, não mais a simples prerrogativa do nascimento. O exército da França revolucionária passou a ser a encarnação deste novo titã bélico. (PARISI, 2013, s/n).

É através dessa França revolucionária que há o advento da guerra revolucionária onde o corpo de exército (infantaria, cavalaria, artilharia, etc.) se transforma no auge do militarismo nacional fazendo com que o nacionalismo inflamasse no peito de seus cidadãos. E é assim que a era das Guerras Napoleônicas⁶ é travada: com um exército altamente treinado, obtendo somente a elite militar com uma chama ardente de nacionalismo, o combustível necessário para a ampliação e conquista de novos territórios pela França.

Porém, o nacionalismo da França foi um tanto antagônico, já que teve inspiração de alguns destes Estados dotados de cidadãos nacionalistas não quiseram se ver vencidos pelos exércitos de Napoleão, como o Estado-Maior Geral Prussiano (que viria a se tornar a Alemanha). Dotado desta visão nacionalista, Karl von Clausewitz, discípulo e colega de Scharnhorst e Gneisenau, percebia que o Estado era indefeso e devido a isso, um exército era imprescindível para sua segurança:

[...] Clausewitz via no Estado a corporificação da suprema realização do Homem na terra. Ele acreditava que somente através do Estado é que o indivíduo conseguiria a verdadeira liberdade e que só a serviço do Estado é que o cidadão afirmaria individualmente o seu valor. E como a defesa do Estado era o seu dever precípua, o exército corporificava o que havia de melhor e mais verdadeiro no Estado. (PARISI apud LEACH, Barry, 1975, p.14).

Portanto, Clausewitz teoriza e sistematiza todos os saberes napoleônicos juntamente com o Estado-Maior prussiano, tornando-se assim o melhor teórico da guerra do século XIX. Ele sintetiza todo o aprendizado e revolução que aconteceu durante o século XIX na sociedade europeia. Sobre seus ensinamentos podemos listar⁷ as seguintes súmulas:

- A guerra é a continuação da política por outros meios (especificamente, os meios de força);

⁶ Guerras Napoleônicas: período entre 1803 a 1815.

⁷ PARISI apud PROENÇA Jr, Domício et all. Op.cit. pp. 78-84.

- A guerra é a província da incerteza e do acaso;
- A guerra é dominada pela presença dos fatores morais;
- A guerra é firmada por uma trindade paradoxal, composta por governo, forças armadas e povo;
- O combate, mesmo “virtual” é a atividade fundamental da guerra;
- A defesa é a forma mais forte da guerra;
- As guerras podem ser limitadas ou ilimitadas (PARISI apud PROENÇA Jr, Domício et all. 1999, p. 78-84).

Voltando ao contexto histórico das guerras, adentramos agora o contexto das guerras mundiais, conflitos totalmente diferentes daqueles presenciados anteriormente por qualquer Nação, já pois estes novos embates possuem tecnologia e estratégias diferentes das usadas previamente.

Acerca das questões que culminaram no estopim da primeira guerra podemos citar as questões fronteiriças; o progresso tecnocientífico; o êxodo causado pela revolução tecnológica; o abismo entre as classes sociais, que levou a separação do homem com a natureza; e principalmente um excesso de força, que fora acumulado durante os anos sem guerras e criou uma tensão que viria a romper com muita violência. No mais, podemos citar ainda as questões imperialistas de hegemonias que impunham suas pretensões aos países que sofreram com suas políticas de poder, como é o caso de países asiáticos e africanos; sem contar com a *Realpolitik*⁸ que terminou por desestabilizar relações internacionais que antes já estavam deterioradas.

As características da Primeira Guerra Mundial se dão, principalmente, pela competição industrial e comercial entre a Alemanha, nação emergente, e a Inglaterra, que detinha a hegemonia econômica mundial. O interesse anglo-francês em manter sua hegemonia imperialista sobre as áreas periféricas do planeta era ameaçado pela Alemanha Imperial, nação emergente que havia acabado de entrar na corrida neocolonialista. O colapso da diplomacia bismarckiana^{9,10}, que visava a manutenção do equilíbrio europeu por meio de acordos internacionais pela

⁸ A Realpolitik – política externa baseada em cálculos de poder e nos interesses nacionais – fez a unificação da Alemanha. E a unificação da Alemanha fez a Realpolitik voltar-se contra si mesma, andando ao contrário do que deveria, pois, o exercício da Realpolitik só evita corridas armamentistas e a guerra se os grandes jogadores de um sistema internacional forem livres para adaptar as relações às circunstâncias, ou forem contidos por valores comuns, ou ambas as coisas (Diplomacia, p. 117).

⁹ Otto Von Bismarck foi (1815-1898) foi um estadista e primeiro ministro prussiano, fundador e primeiro chanceler do Império Alemão.

¹⁰ Diplomacia Bismarckiana é nome que se dá ao sistema de política externa do Chanceler de Ferro, Otto Von Bismarck.

*Weltpolitik*¹¹, levando a criação de dois sistemas de alianças antagônicas e potencialmente conflitantes: de um lado a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia) e do outro os Impérios Centrais (Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia).

O desejo revanchista da França de recuperar as províncias da Alsácia-Lorena; o surgimento do Japão e dos Estados Unidos como potências regionais, que alteraram o fator de equilíbrio de poder¹² em áreas periféricas ao continente europeu de acordo com as suas zonas de influências, entre outras.

O estopim, ou até mesmo a justificativa encontrada para o início do conflito, aconteceu com o duplo homicídio do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e sua esposa em Sarajevo em 28 de junho de 1914. Logo após, a Sérvia pediu apoio aos governos da Rússia, Itália e Inglaterra, que não eram aliadas às nações germânicas.

Em primeiro de agosto da Alemanha declarava guerra à Rússia, no dia 4, a Inglaterra declarava guerra ao Segundo Reich, no dia 6 a Áustria-Hungria declarou guerra à Rússia, e assim foi sucessivamente com o Japão entrando do lado da Tríplice Entente, com o intuito de conquistar posses alemãs do Extremo Oriente e a Itália, seduzida pelas promessas secretas de obtenção de territórios turcos e austríacos, declararem guerra aos Impérios Centrais em maio de 1915.

Sobre as operações militares, observa-se que durante o período de agosto a novembro de 1914, caracterizado como “a guerra do movimento” com rápidas investidas de artilharia pesada. Entre 1914 a março de 1918, notamos “a campanha das trincheiras” ou “guerra das trincheiras”, trincheiras protegidas por arame farpado e “ninhos” de metralhadoras.

Além destas características de batalha, também houve a influência das forças navais com a presença de batalhais navais e bloqueio submarino. Houve, ainda, o auxílio dos Estados Unidos, que fornecia armas, munições, víveres, remédios e uniformes aos aliados europeus.

Entre 1916 e 1917 os estados-maiores de ambos os lados lançaram ofensivas que buscavam romper a frente inimiga e contavam com artilharia pesada e gases tóxicos. Em setembro de 1916, tropas anglo-francesas atacaram os alemães na

¹¹ Imperialismo.

¹² Muitos dos países europeus colonizaram outros Estados, com o surgimento de outras potências eles passaram a perder espaço e influência na própria Europa.

região de Somme, uma batalha sangrenta que marcou o início do uso dos tanques de guerra.

Entre 1915 e 1917 a Bulgária, Portugal, Romênia e a Grécia adentraram o conflito mundial, assim, somente os países escandinavos, a Suíça, a Holanda e a Espanha mantiveram-se neutros em meio ao conflito que aterrorizava o Velho Continente, e também o planeta como um todo. No ano de 1939 dava-se início a Segunda Guerra Mundial, conflito que durou até 1945 e trouxe consequências até os dias atuais. Em seu total, houve mais de cinquenta milhões de mortos e aproximadamente vinte e oito milhões de mutilados. Setenta e duas nações participaram do conflito direta ou indiretamente, e novas tecnologias foram utilizadas no conflito como a napalm, bomba de fosforo e um engenho humano titulado de campos de concentração em massa para que genocídios pudessem ser cometidos.

Apesar de ter seu estopim apenas em 1939, os motivos mais fortes que a levaram a acontecer começaram em 1929, ano em que houve a primeira crise mundial financeira e levou os países capitalistas a elevarem barreiras protecionistas de modo que protegesse seus mercados internos das ameaças das exportações estrangeiras, o que culminou em uma guerra tarifária. A produtividade global caiu cerca de 40%, sendo estes: 60% da produção do ferro, 58% do aço, 13% do petróleo e 29% do carvão.¹³

Hitler surge na Alemanha em 1933, em meio a um cenário caótico de desemprego e fome que contrastava com a imagem da poderosa burguesia financeira e industrial alemã, como a esperança alemã de se tornar uma potência europeia novamente; através de sua “Revolução Nacionalista¹⁴” conteve os movimentos de oposição.

Para ganhar a simpatia das outras nações ocidentais em meio a quebra do tratado de Versalhes, Hitler despontou como campeão do anticomunismo que visava o apoio do Japão e da Itália por meio do Pacto Anti-Comintern, que tencionava o isolamento da URSS e seu ataque, quando possível.

O Japão, aliado da Alemanha, passa por algumas reformulações internas extremas e em 1931 dá início a uma política externa agressiva que visava explorar o

¹³ SCHILLING, Voltaire. Segunda Guerra Mundial. Terra Educação. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/segunda-guerra/>>.

¹⁴ Campanha para elevar a Alemanha a potência novamente, recuperando sua dignidade política e a prosperidade do país.

enfraquecimento dos Impérios Coloniais europeus que estavam debilitados frente à crise econômica. Em 1937 consegue a ocupação da região da Manchúria e, logo após, invade o restante do território Chinês causando assim um longo conflito na Ásia: a Guerra sino-japonesa¹⁵. Ademais, seus interesses expansionistas entram em inconformidade com os interesses dos EUA na Ásia (Filipinas) o que leva a guerra em oposição aos norte-americanos.

Em 1936 ocorre a Guerra Civil Espanhola onde a Frente Popular acabara de ganhar as eleições na Espanha, em contrapartida os generais Mola e Francisco Franco insurgem frente à República como a coligação de forças conservadoras, iniciando-se assim a guerra-civil que durou dois anos e nove meses. França e Inglaterra não intervêm no conflito, enquanto que Hitler e Mussolini apoiavam os nacionalistas de Franco. Os republicanos pediram auxílio à URSS, mas devido à distância e ao bloqueio naval não conseguiram intervir positivamente no conflito, assim, em março de 1939 os republicanos se veem derrotados. Essa passagem serviu para que Hitler experimentasse a estratégia da blitzkrieg que consistia na utilização de carros de combate conjugados com bombardeios aéreos maciços para detectar a incerteza e debilidade dos aliados ocidentais. Já para Stalin serviu como lição: este não poderia enfrentar diretamente a Alemanha.¹⁶

Além deste contexto histórico externo é necessário salientar o uso da propaganda de guerra no contexto nacional interno, onde foram bombardeados com uma ideologia que pregava a superioridade da raça ariana, o racismo, o antissemitismo e o antibolchevismo, por meio da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, rádios, materiais escolares e veículos de imprensa, por intermédio do Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, que era incumbido de propagar a mensagem nazista.¹⁷ “A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião”. Adolf Hitler, 1926, *Mein Kampf*. Assim, Hitler buscava inflamar o patriotismo

¹⁵ A Guerra sino-japonesa (1937-1945) começou com a invasão do nordeste chinês pelo exército nipônico que lutou contra nacionalistas e comunistas chineses, aliados contra um inimigo comum. É lembrado como um dos episódios mais esquecidos da Segunda Mundial. Estima-se sessenta milhões de mortos, dentre estes vinte milhões eram chineses.

¹⁶ SCHILLING, Voltaire. As causas econômicas da Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/as-causas-economicas-da-segunda-guerra-mundial,8c7842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>.

¹⁷ A Propaganda Política Nazista. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>.

nacional de forma que os alemães aceitavam de bom grado ir à guerra com a premissa de que estariam elevando sua nação ao patamar de potência novamente.

Na questão militar a Alemanha de Hitler detinha um grande poder bélico e uma diversidade de opções: possuía esquadras aéreas, submarinos, contingente militar em grande número, veículos e blindados que garantiam a mobilidade do exército alemão, além de possuir um alto poder de fogo garantindo à infantaria suporte e avanço em seus objetivos, e grandes estrategistas, como H. Göring – supremo comandante da Luftwaffe, general Erich von Manstein que foi o idealizador da manobra conhecida como Guerra Relâmpago, *blitzkrieg*, entre outros.

Em um rápido panorama da Segunda Guerra Mundial podemos observar que a Alemanha se favoreceu do Tratado de não-agressão estabelecido com a União Soviética, e invadiu a Polônia em 1º de setembro de 1939, iniciando conflito. Sentindo-se lesado pela Tratado de Versalhes, que restringiam o expansionismo alemão, desrespeitou-o e invadiu a Renânia em 7 de março de 1936, esta sendo sua primeira grande investida militar. França e Inglaterra não o retaliaram, por sorte do líder nazista, essa omissão fortaleceu a política expansionista alemã. Assim, deu apoio a Franco para a tomada de poder na Espanha, fornecendo armamentos juntamente com seu aliado Benito Mussolini, este era um teste para avaliar seu poderio militar. Em março do mesmo ano, a Áustria foi anexada, seguida dos sudetos da Tchecoslováquia. Novamente, França e Inglaterra não se opuseram, mesmo este ato sendo totalmente proibido pelo Tratado de Versalhes; em 1939 a Tchecoslováquia terminou de ser anexada. O que de fato demarcou o início da Guerra foi a invasão da Polônia em 1939 que teve reação imediata da França e da Inglaterra que declararam guerra à Alemanha nazista. O conflito, então, ficou marcado pela luta entre o Eixo: Alemanha, Japão e Itália contra os Aliados: Estados Unidos, Reino Unido e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

Depois de extenso período de combate entre Eixo e Aliança, o conflito só chegou ao fim em 1945 com a rendição da Itália e da Alemanha. O Japão, último a assinar a rendição, só o fez depois que sofreu um ataque nuclear lançado pelos Estados Unidos nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, dizimando milhares de japoneses inocentes e deixando um número ainda maior de debilitados devido a

radiação da bomba. O Holocausto, como ficou conhecido o massacre de judeus pelos nazistas, teve um número de seis milhões de judeus mortos no massacre.¹⁸

A rendição foi oficializada no Tratado de Paz de Paris que instituiu uma indenização aos países vitoriosos por parte das nações derrotadas. No mais, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada ao final da guerra com o intuito de manter a paz entre as nações, resolver de forma pacífica conflitos que viriam a acontecer, e ajudar as vítimas da Segunda Guerra.¹⁹

O mundo pós Segunda Guerra Mundial passou a viver uma tensão devido a corrida armamentista e a corrida tecnológica. Essa era é conhecida como Guerra Fria entre os anos de 1945 a 1989-91, e possui a bipolaridade entre a ideologia capitalista e a ideologia socialista, seus maiores representantes foram os Estados Unidos da América, do lado capitalista, e a URSS, do lado socialista, seu próprio nome União das Repúblicas Socialistas Soviéticas já expõe sua ideologia. Os Estados, durante este período, disputaram a hegemonia política, militar e econômica no globo.²⁰

A URSS já havia demonstrado sua força econômica nos anos anteriores e com sua expansão ideológica queria alcançar o resto do mundo; do outro lado havia os Estados Unidos, que acabara de sair vitorioso na Segunda Guerra e despontava como potência militar. Queria se elevar, ainda, como potência econômica e política através do plano Marshall, onde os EUA ofereceram ajuda econômica à Europa que estava devastada com as consequências da guerra, com o intuito de firmar o capitalismo na Europa Ocidental, onde outrora era controlado pelos soviéticos; as nações do leste europeu recusaram a ajuda.

Durante este período houve a criação de blocos militares como a OTAN²¹ e o Pacto de Varsóvia²², além de conflitos ocorrerem alimentados pela rivalidade entre

¹⁸ ARAUJO, Gabriely. Segunda Guerra Mundial – História, causas e consequências. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/segunda-guerra-mundial-historia-causas-e-consequencias/>>.

¹⁹ A Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://www.2guerramundial.com.br/a-segunda-guerra-mundial/>>.

²⁰ Guerra Fria e Nova Ordem Mundial. Historia Online.com. Disponível em: <<https://historiaon.files.wordpress.com/2009/08/guerra-fria-e-nova-ordem-mundial-slides.pdf>>.

²¹ OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte—liderada pelos Estados Unidos: Estados Unidos, Canadá, Itália, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Suécia, Espanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Áustria e Suécia.

²² URSS, Cuba, Coreia do Norte, Romênia, Alemanha Oriental, Iugoslávia, Albânia, Tchecoslováquia e Polônia.

EUA e URSS como a Guerra do Vietnã²³ e a Guerra da Coréia²⁴; foi devido a esta guerra que a Coréia se dividiu entre Norte e Sul. Ademais, podemos citar ainda a corrida espacial que teve a criação do primeiro foguete russo, *Sputnik*, e também levou o primeiro homem à lua, feito dos norte-americanos.

Um fator importante a ser salientado sobre a Guerra Fria é a ausência de um conflito direto, mas sua especulação levou os dois lados a se armarem rapidamente, assim, houve uma grande fabricação em massa de armas nucleares o que resultou na crise dos mísseis de Cuba²⁵, a grande ideologia contra o socialismo que rendeu aos Estados Unidos uma forte polícia de combate ao socialismo dentro e fora de seu território; ademais, podemos citar, também, o alto nível de espionagem que este período vivenciou, a KGB (URSS) e a CIA (EUA) eram os principais órgãos espões dos governos.²⁶

Entre 1960 e 1980 houve a chamada “coexistência pacífica”, onde as duas potências iniciaram um período de negociações na qual visava-se a diminuição da corrida armamentista e as intervenções militares em guerras localizadas. Em meados de 1980 o socialismo soviético caiu em ruínas e Mikhail Gorbachev²⁷ implementou a *Glasnot* – reforma política, e a *Perestroika* – reforma econômica, pois

²³ A Guerra do Vietnã (1965-1972) foi um episódio que ocorreu dentro da Guerra Fria. Aconteceu devido o país estar dividido entre lado Sul, capitalista (ditatorial), financiado pelo presidente Eisenhower dos EUA, e o lado Norte, comunista. Seu início deu-se, basicamente, pelo não cumprimento da Conferência de Genebra, evento onde foi acordada a unificação do país. Entre suas principais características podemos citar o uso de Napalm, composto químico (misturas de ácidos naftênicos, palmítico e gasolina), e o Agente Laranja (herbicida cinco vezes mais potentes que o comum) que cerca de quatro milhões de pessoas (e cerca de 400 mil crianças nasceram com sequelas) e devastou o ecossistema do país; e também a vitória dos vietcongues (guerrilheiros comunistas) devido ao seu conhecimento local das florestas que, estrategicamente, venceu o poderio militar norte-americano.

²⁴ A Guerra da Coréia (1950-1953), foi quase o início de uma terceira guerra mundial. Ao fim da Segunda Guerra Mundial o território da Coréia foi dividido entre Norte e Sul após as tropas japonesas se renderem aos aliados. O lado sul estava ligado aos Estados Unidos (capitalista), enquanto que o Norte aos soviéticos (comunista). O estopim da contenda foi a invasão por parte dos Norte-Coreanos ao território sul; assim tropas norte-americanas foram enviadas, pelo então presidente Harry Truman, para ajudar o lado capitalista do conflito, e outros quinze países também enviaram suas tropas, avançando para o Norte, e a China entrou no confronto para ajudar os nortenhos. A situação só começou a melhorar em 1952 quando Eisenhower assumiu a presidência dos EUA e ameaçou detonar bombas nucleares na China e na Coréia do Norte e o confronto se estendesse. Um cessar-fogo foi assinado em 1953 entre as duas Coreias, mas até hoje a guerra não foi oficialmente finalizada. Aproximadamente quatro milhões morreram no conflito; o Napalm também foi utilizado nesta contenda.

²⁵ Foi um período na Guerra Fria, outubro de 1962, onde os Estados Unidos instalaram mísseis análogos na Turquia e na Itália, em retaliação a URSS instalou mísseis intercontinentais em Cuba o que gerou uma grande tensão mundial por ser o possível estopim para uma Terceira Guerra Mundial que dizimaria o mundo devido a guerra ser nuclear.

²⁶ Guerra Fria. Sua pesquisa.com, c2017. Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/guerrafria>>.

²⁷ Mikhail Gorbachev foi secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991 e Presidente da nação entre 1990-1991.

alguns Estados já estavam abrindo suas economias ao capitalismo. O fim da União Soviética se deu em 25 de dezembro de 1991 após movimentos nacionalistas romperem em vários estados soviéticos, dessa forma, Gorbachev decretou a dissolução da URSS e logo após, renunciou. Como consequência disso, Yeltsin sobe ao poder e faz acordo com os presidentes da Ucrânia e da Bielorrússia, criando a CEI: Comunidade dos Estados Independentes.

Vale citar ainda o episódio da queda do Muro de Berlim, considerado por muitos como o símbolo do fim da Guerra Fria, pois, o muro foi erguido após a cidade ser dividida em quatro áreas: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética. Do lado da Alemanha Ocidental, República Federal da Alemanha, era seguido o sistema capitalista; do lado da Alemanha Oriental, República Democrática da Alemanha, figurava o sistema socialista pró soviético; dessa forma com a queda do muro de Berlim houve a unificação da Alemanha acabando com o regime ideológico bipolar.²⁸

Depois do advento da Guerra Fria o mundo se viu em uma nova ordem mundial, as relações entre Estados passaram por uma reformulação e a diplomacia se encontrou em evidência no cenário internacional. Diante disso, podemos notar que as nações deixaram de entrar em guerra entre si e procuraram resolver seus litígios diplomaticamente ou coercitivamente, caso das sanções impostas pelas ONU em seu Conselho de Segurança. É neste quadro que os conflitos étnicos ganharam espaço, pois, com o fim de muitos Estados e a retirada de outros no contexto de colonizadores deixou muitos países sozinhos e a mercê de sua própria sorte pela primeira vez. É assim que o genocídio de Ruanda aconteceu, após a retirada dos colonizadores belgas do poder, o país se viu perdido em uma nova realidade onde a antiga política colonial belga de “dividir e conquistar” deixou traços de ressentimentos na maioria da população.

A Guerra Civil de Ruanda aconteceu em 1994 e durou cerca de 100 dias; aproximadamente 800 mil ruandeses foram mortos. Isso aconteceu porque a nação é dividida majoritariamente em duas etnias: tutsi e hutu; por muito tempo os tutsis ficaram no poder junto aos colonizadores belgas por estes acharem ideologicamente que a etnia tutsi fosse melhor que a hutu. Com o fim da monarquia tutsi, que funcionava como um elo entre os políticos belgas e o controle de Ruanda, os tutsis

²⁸ Bancher, Flávia. A Queda do Muro de Berlim: e a presentificação da história. Cotia: Editora Ateliê Editorial.

foram forçados a fugir para outros países. Alguns desses exilados formaram um grupo rebelde autodenominado Frente Patriótica Ruandesa (RFP) e invadiram Ruanda em 1990, após muitos conflitos um acordo de paz foi estabelecido em 1993. Contudo, em 6 de abril de 1994 o avião que transportava os presidentes de Ruanda foi abatido. Extremistas hutus culpavam a RFP, e esta retaliou dizendo que foram os hutus para que estes pudessem ter uma premissa para um conflito.

Desse modo, as milícias hutus montaram bloqueios em estradas para a verificação de documentos, na época os documentos de identificação continham a informação sobre qual etnia o indivíduo pertencia, assim, milhares de tutsis foram mortos e o caos começou a tomar conta do país. Vizinhos brigavam com vizinhos, maridos chegaram a matar suas esposas, tornando as ruas de Ruanda um verdadeiro campo de batalha com alegação de que não se não matassem, seriam mortos.

Apesar dos anos de evoluções nos armamentos durante as grandes guerras anteriores, os combatentes de Ruanda iam as ruas munidos de facões, pedaços de madeira e armas não tão avançadas. Os hutus dispunham rádios e jornais que propagavam ideologias de propaganda de ódio que instigavam os hutus a “matar as baratas”, ou seja, a população tutsi. A estratégia utilizada pelos hutus foi utilizar a ala jovem do partido governante denominada *Interhamwe* e transformá-la em uma milícia para realizar o genocídio. Deste modo, com a ajuda dos rádios, listas de alvos e armamentos eram entregues a grupos locais que sabiam onde localizar as vítimas.

O genocídio de Ruanda foi um processo político, social e cultural²⁹ que juntamente com a inércia da ONU e dos outros países, como Bélgica (que continha forças de paz no território) e França (acusada de ajudar a milícia hutu) fizeram absolutamente nada para parar o conflito. O fim deste se deu devido a boa organização da RPF que, apoiada pelo exército de Uganda, conseguiu gradualmente a reconquista do território até chegarem a capital Kigali. Dois milhões de hutus, entre civis e participantes do genocídio, fugiram para a República Democrática do Congo, ou Zaire como era conhecida na época. Militantes de

²⁹ PINTO, Teresa Nogueira. Ruanda: Entra a segurança e a liberdade.

direitos humanos alegam que a RPF retaliou e matou milhares de civis hutus e invadiu o Congo para perseguir a *Interhamwe* quando eles retomaram o poder.³⁰

No começo do século XXI o mundo viu uma “nova” ameaça se erguer, o terrorismo, e com ela veio a chamada “Guerra ao Terror”. Entretanto, essa nova ameaça é um mal que assolava a Terra há tempos, o que ocorre é que o terrorismo ficou em evidência após o atentado de 11 de setembro de 2001. O maior ato terrorista ocorreu em 11 de setembro de 2001 em ataques coordenados nos Estados Unidos da América, onde terroristas islâmicos sequestraram linhas aéreas domésticas e utilizaram os aviões para atacar as Torres Gêmeas em Nova Iorque e o Pentágono em Washington, DC. Esses terroristas eram indivíduos extremistas da rede terrorista *Al ‘Qaeda*³¹.

Desta forma, podemos apontar que o terrorismo é um dos maiores males que assolam este século. Outros atentados de grande porte ocorreram em diversos outros países, no entanto, por não possuírem tanta influência no sistema internacional, eles acabam por ser irrelevantes e pouco são noticiados, como em Bali (2002); ataque-bomba na estação de trem em Madri (2004); crise de reféns da escola de Beslan (2004); ataque-bomba no metrô de Londres (2005); Nova Delhi (2005); massacre na Aldeia Yazidi (2007); atentados coordenados em Mumbai (2008); massacre de Borno (2014); bombardeio em Ankara (2015); ataque suicida no Chade (2015), e o mais recente foi o da Somália, em outubro, e que deixou cerca de 300 mortos. Todavia, como a Somália possui pouca expressão internacional, quase nada se noticou nos meios de comunicação.

A perspectiva de segurança da globalização tem, portanto, dois lados. O primeiro destaca a dimensão obscura da estrutura centro-periferia. É o sucessor de uma extensa corrente de ideias que vêm, no mínimo, desde Hobson e Lenin, sempre com ênfase nos aspectos desiguais, exploradores e coercitivos das relações entre centro e periferia: imperialismo, colonialismo, neocolonialismo, dependência, imperialismo cultural, anti-hegemonismo e outros. Mesmo sob o risco de simplificação, essas ideias podem ser vistas como um ponto de vista da periferia e como reflexo do ressentimento por sua relativa falta de poder, subdesenvolvimento e vulnerabilidade em relação ao centro. Em certo sentido, reflete o receio de que a prática do liberalismo seja a principal chave para a compreensão do

³⁰ Entenda o Genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em 100 dias. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms>.

³¹ A Al-Qaeda é um grupo composto essencialmente por muçulmanos e árabes criado em 1989 por Osama Bin Laden, tem como ideologia o Islã fundamentalista, e tem como objetivo principal erradicar o regime ocidental não islamista sobre o regime islâmico.

que determina a agenda de segurança internacional mais ampla (Buzan e Wæver, 1998; Scholte, 2000, cap. 9).

Na sua manifestação mais apaixonada, essas ideias trazem acusações de que a estrutura centro-periferia gerou e mantém a posição fraca da periferia para benefício do centro, apontando casos como o Zaire, Angola e Iraque como prova. (BUZAN, 2002, p.238).

Desta forma, com a citação de Buzan apontaremos o que sucedeu na chamada “Invasão do Iraque”.

Baseados na premissa da Guerra ao Terror, o governo estadunidense almejava ir contra os governos que poderiam transgredir a paz mundial, assim, empreenderam uma política de Estado que pregava a intervenção no chamado “eixo do mal”. O Iraque, de Saddam Hussein, foi o primeiro país a entrar na linha de “conversão” dos Estados Unidos. Por conseguinte, os EUA afirmaram que o país em questão possuía em seu arsenal poderosas armas químicas, pedindo ao governo iraquiano a destruição de tais armas sob a ameaça de intervenção, a Organização das Nações Unidas enviou inspetores para averiguar os fatos, não achando qualquer prova. Desta maneira, os EUA entraram com uma petição junto ao Conselho de Segurança reiterando sua afirmação e pedindo permissão ao conselho para intervir no país, contudo, o pedido foi negado.

Assim sendo, baseado em suas convicções, os Estados Unidos iniciaram uma invasão militar, ou guerra preemptiva, auxiliado por britânicos, contra o país iraquiano no ano de 2003. Saddam Hussein foi capturado e sentenciado à morte em 30 de dezembro de 2006. Em dois anos, os ataques terroristas tiveram um aumento considerado mediante a ocupação de tropas estrangeiras, ademais, guerras civis e étnicas ameaçavam a estabilidade do Iraque. Estima-se que cerca de 100 mil civis morreram no conflito. Até hoje o Iraque possui tropas americanas em seu território. No mais, é importante lembrar que muitos acreditam que os interesses norte-americanos no conflito se baseiam na premissa de se reafirmar como hegemonia político-militar, e também de natureza econômica, uma vez que o Iraque – e a maior parte do Oriente Médio – possui grandes reservas de petróleo, produto altamente cobiçado por norte-americanos.

A Guerra do Afeganistão, por outro lado, tem seu início em 1979 e vai até 1989; a Primeira Guerra do Afeganistão, como é conhecida, ocorreu, pois, a União Soviética apoiava a transição do governo para socialista, aumentando a influência da URSS que vinha se deteriorando, ademais, tinha como intuito pacificar o

Afeganistão contra rebeldes que se rebelaram contra o regime comunista. Desta forma, os EUA entraram no outro lado do conflito auxiliando-o economicamente, em conjunto com a China e países muçumanos, como Paquistão e Arábia Saudita. Faz-se necessária essa pequena introdução já que a Segunda Guerra do Afeganistão veio a ocorrer devido ao auxílio norte-americano que propiciou o crescimento militar afegão durante o primeiro conflito, que se rebelaram contra os Estados Unidos e, dessa maneira, o Afeganistão passou a ser comandado pelo Regime Tatibã.

A Segunda Guerra do Afeganistão teve início em 2001, na chamada Guerra ao Terror, esta desenvolveu-se devido ao apoio dos Talibãs ao ataque de 11 de setembro promovido pela Al Qaeda. Osama Bin Laden, autor dos atentados, possivelmente estaria no Afeganistão, assim, os EUA invadiram o Afeganistão em outubro do mesmo ano, com o intuito de capturar Bin Laden e destruir o acampamento de formação terrorista que se encontrava no Afeganistão, bem como exterminar o regime talibã. Em maio de 2011 Osama Bin Laden foi morto, considerado o inimigo número um dos Estados Unidos. O conflito foi marcado principalmente por bombardeios, revolta, destruição e morte de milhares. As tropas norte-americanas começaram a se retirar em 2011, contudo ainda há tropas no território afegão, resultante disso, milhares adquiriram problemas psicológicos, e houve o gasto do orçamento estatal em bilhões para a manutenção do conflito.

A Guerra Civil da Síria é o conflito atual que mais tem atraído a atenção do mundo, no momento. Até agora cerca de 400 mil pessoas morreram e 4,5 milhões refugiados deixaram o país. Dentre os motivos que começaram a contenda podemos citar a insatisfação popular com o atual governo de Bashar-al-Assad; alto nível de desemprego, corrupção exacerbada, repressão política e falta de liberdade, são alguns dos motivos. Resultante da Primavera Árabe, revoltas populares foram reprimidas violentamente pelo governo sírio. Em contrapartida, muitos grupos extremistas acreditam que o governo não defende o islamismo de acordo com suas ideologias, desta forma, grupos de oposição armados foram criados para se opor a Bashar-al-Assad, fortemente armados e financiados por outros países. Em decorrência disto, muitos grupos terroristas foram formados, o mais famoso deles, o Daesh³², conquistou vários territórios sírios.

³² Popularmente conhecido como Estado Islâmico.

Além disso, Estados Unidos e Rússia participam do conflito, de um lado o governo norte-americano financia rebeldes que lutam contra o governo sírio por este não ser democrático e prejudicial ao país; do outro, a Rússia apoia Basha-al-Assad, pois este é um de seus principais aliados, e desta forma a Rússia aumentaria sua força política na região. É notável que este conflito possa ser apenas mais um capítulo da Guerra Fria que muitos acreditavam ter acabado. Todavia, ambos os países querem o fim do grupo extremista Daesh.

Entre as características do embate podemos citar o uso de mísseis, armamento pesado e uso de armas químicas, tendo este último sido repudiado pelas autoridades internacionais por causar a morte de 86 pessoas, dentre elas 27 crianças, o ataque químico foi utilizado pelas forças governamentais de Assad. Em retaliação a este ataque, os EUA realizaram um bombardeio com 59 mísseis na base responsável pelo ataque químico.

Assim, a Guerra Civil da Síria é classificada como a maior crise humanitária do século XXI, no mais, o conflito parece se alastrar e longe de terminar, e parece mais uma Terceira Guerra Mundial do que apenas uma guerra civil.

2.2. OS DIFERENTES TIPOS DE GUERRA

Segundo o Dicionário de Política escrito por Norberto Bobbio, há a seguinte classificação:

CLASSIFICAÇÕES POSSÍVEIS: A GUERRA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: São muitos os critérios segundo os quais pode ser decomposto o conceito de Guerra. Por exemplo, com referência aos grupos em luta, a Guerra se classifica como internacional quando conduzida entre grupos sujeitos ao ordenamento jurídico internacional; interna ou civil, se conduzida entre membros de um mesmo grupo organizado (cidadãos de um mesmo Estado); colonial, se os grupos contendentes são povos de civilizações diferentes, uma das quais é considerada inferior à outra. Conforme a intenção ou a psicologia dos protagonistas, a Guerra se subdivide em ofensiva, defensiva, preventiva, de nervos. Com referência ao tipo de armamentos utilizados, a Guerra pode ser convencional ou nuclear. Finalmente, com referência às finalidades perseguidas, ela pode ser limitada (Guerra política, segundo o conceito de Clausewitz) ou então total ou absoluta (quando ela é levada às suas consequências extremas). A Guerra merece uma consideração particular como instrumento político. Enquanto a Guerra absoluta tem como objetivo a destruição total do adversário, a Guerra limitada (a que R. Aron chama de "Guerra real") é instrumental, ligada a uma finalidade desejada. A política, "inteligência do Estado personificado", utiliza-se de dois instrumentos: a diplomacia e a Guerra. Porém, se os meios são diferentes, é o único desígnio que guia a ação. A diplomacia se retira quando seus fins podem ser conseguidos

somente através da força armada, sempre pronta, no entanto, a fazer sentir o peso de sua ação, logo que isso seja considerado possível. O objetivo final não é a anulação completa do contendor, mas sim a modificação de algumas de suas motivações. (BOBBIO, 1998, p.572).

Há, ainda, diferentes tipos de guerra que se espaçam devido a seu nível de intensidade, abrangência, desenvolvimento, causa do conflito e o tipo do armamento utilizado.

As guerras da modalidade de Intensidade podem ser divididas em³³:

1. Guerra Total – onde os recursos de um Estado e de uma sociedade são totalmente envolvidos no conflito. Ex.: Primeira ou Segunda Guerra Mundial;
- 2 Guerra Intermitente ou Guerras Crônicas: conflito que sempre volta a acontecer depois de um período de calmaria, é reincidente. Ocasiona-se, geralmente, pós independência onde as Nações não estão completamente estabilizadas. Ex.: Guerra dos Cem Anos (França e Inglaterra), Afeganistão e Guerras do Congo.
3. A Guerra Limitada: possui objetivos claros e definidos, e é limitada no tempo e no espaço (como o próprio nome já diz), tem como finalidade obter desgaste político ou econômico com a menor taxa. Usa também um cálculo razoável na relação custo-benefício em relação ao conflito. Vencer uma guerra rapidamente pode ser considerada limitada ou, também, a incapacidade dos Estados de seguirem com o conflito. Ex.: a Guerra Sino-Soviética de 1969.³⁴
4. Guerra de Guerrilha: são, geralmente, pequenos contingentes militares (não estatais) que lutam contra uma força (exército) pertencente ao Estado. Amplamente conhecidas por suas “táticas de guerrilha”: ataques rápidos seguidos de fugas, grande mobilidade de forças, ataques surpresos, sabotagem, terrorismo e táticas de atrito e confronto indireto. Ex.: Guerrilha do Araguaia (Década de 1960 e 70).³⁵

³³ GUERRAS. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra#cite_note-12>.

³⁴ CHANDRAN, Suba (2005). "Limited War: Revisiting Kargil in the Indo-Pak Conflict". India Research Press: Nova Deli, Índia.

³⁵ GARCIA, Leandro (1989). Estratégias de ação: Guerra Clássica – a Guerra Limitada – a Guerra Subversiva, p.52).

5. Guerra Diplomática: confronto político que possui o estado “ideal” da guerra, onde se sobressai a diplomacia ou o entendimento entre as partes, a estratégia e entendimento racional, não havendo, assim, inspiração de ordem emocional ou moralista. Ocasionalmente encontrada em sistemas internacionais que possuem tendência ao equilíbrio de poder; de acordo com Napoleão I: "...as guerras armadas nascem quando as guerras diplomáticas morrem...".

Na modalidade de Abrangência temos³⁶:

1. Guerra Mundial ou Global: confronto que envolve várias nações de diversos continentes ou diferentes oceanos no mundo que usualmente objetiva na liderança mundial, ex: Primeira e Segunda Guerra Mundial.
2. Guerra Interregional: conflito onde envolve geralmente de dois a três países e objetiva-se a liderança regional, mas que geralmente envolve vários países ou povos de uma macro-região (área continental ou duas regiões próximas). Ex.: Guerra do Paraguai, Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945).
3. Guerra Regional: possui o formato de “guerra limitada” e envolve menos de dois países do continente ou região em questão. Sua escala nunca chegar a alcançar a de “guerra total”, se o período de conflito for muito extenso, geralmente é feito o uso de táticas de guerrilha. Algumas guerras civis acabam se tornando regionais devido a inclusão de vizinhos no conflito; visa, geralmente, a liderança regional. Ex.: Guerra do Pacífico (século XIX), Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), Guerra das Malvinas (1982).
4. Guerra Local: guerra restrita no tempo e espaço que inclui somente dois Estados, em uma região visivelmente delimitada, não evoluindo para guerra regional ou envolvendo terceiros. Ex.: Guerra Eritreia-Etiópia (1998-2000), Guerra do Chaco (1932-1935). **(Anexo A)**.

Guerra de acordo com Forma ou Desenvolvimento:

³⁶GUERRAS. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra#cite_note-12>.

1. Guerra Civil: conflito que envolve grupos de uma mesma nação ou região, visa a separação ou a tomada do poder. Ex.: Guerra dos Farrapos, Guerra Civil Americana.³⁷
2. Guerra Preservativa: forma de defesa onde uma nação estando sob a ameaça de outra não encontra opção senão a de tomar a iniciativa do confronto. Considerado legal pela Organização das Nações Unidas (1948).
3. Guerra de Partida ou Ataque (Preemptiva): parte-se da premissa que há provas consistentes de um “possível” ataque, assim, neste tipo de guerra a nação antecipa agressivamente o confronto para sua defesa em modo de ataque. Ex.: Invasão ao Iraque.
4. Guerra Fria: conflito indireto onde nações disputam a liderança global. Faz-se o uso de espionagem ou subversão, corrida armamentista e tecnológica, guerras por procuração, guerras doutrinárias e evita-se o confronto militar direto já que isso resultaria em uma Guerra Nuclear total por estarmos na Era Nuclear. Ex.: EUA x URSS conflito pós segunda guerra entre capitalistas e socialistas com termino em 1989.
5. Guerra Subversiva (de Espionagem ou Guerrilha): tipo de guerra não convencional de confronto direto no qual um dos grupos envolvidos pretender subverter a ordem estabelecida.³⁸

A subversão corresponder a uma modificação da hierarquia de valores em que, num dado momento, assenta uma sociedade política. Neste contexto, a subversão pode ser entendida como toda a ação deliberada levada a efeito por qualquer movimento ou organização, recorrendo a formas de atuação extralegais, com o objetivo de destruir ou corroer o poder estabelecido, e, em regra, a ordem social estabelecida. (COUTO, 1989, p.211).

6. Guerra Revolucionária: guerra que se passa durante uma Revolução ou que vise uma revolução ou golpe de Estado. Caracterizada pela intenção clara de tomar o poder por uma das partes, com o objetivo de alterar intrinsecamente as estruturas políticas e socioeconômicas de

³⁷ ZIMERMAN, Artur. "Revisão bibliográfica da literatura quantitativa sobre os determinantes de guerra civil". BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 60, n. 2 semestre, p. 65-85, 2005.

³⁸ GARCIA, Leandro. Estratégias de acção: Guerra Clássica – a Guerra Limitada – a Guerra Subversiva, p. 48).

um país. Pode ocorrer de se tornar uma guerra civil prolongada devido à falta de condições, militares ou políticas, do grupo revolucionário de tomar o poder. Ex.: Revolução Russa (1918-1922).³⁹

7. Guerra Psicológica ou de Propaganda: guerra onde a população é manipulada por meio de panfletagem e propaganda para que apoiem uma determinada liderança. Muitas vezes é feito o uso de informações falsas ou assistência médica. Deste modo, a guerra psicológica é uma obra perversa onde o interessado detém a fidelidade do povo por meio de manobras que viabilizem o apoio da população ao mesmo tempo que os mantém temerosos em relação ao futuro, ignorantes da real situação, passivos e impotentes. Ex.: Alemanha nazista de Adolf Hitler.

Guerra de acordo com a causa do confronto bélico ou *causis belis*⁴⁰:

1. Guerra Comercial ou Econômica: como o próprio nome já diz, implica em causas econômicas e utiliza mecanismos de cunho econômico como: embargo comercial, imposições de barreiras alfandegárias/tarifárias. Ex.: bloqueio continental promovido por Napoleão, embargo à África do Sul na época do Apartheid. (**Anexo B**).
2. Guerra Político-Ideológica: é uma guerra civil que coloca em cheque divergências político-ideológicas, assim, revolucionários ou partidos políticos distintos ficam em oposição ao governo em virtude destas razões.
3. Guerras Religiosas: seu principal objetivo está baseado na imposição de uma determinada religião sobre uma região ou país, e/ou a conversão de “infiéis” a uma determinada religião. Ex.: Cruzadas, Jihad, Guerra Santa.
4. Guerras Étnicas: envolvem diferentes grupos étnicos, geralmente está atrelada por supostas ou reais rivalidades histórias entre as etnias. A principal justificativa é o elemento étnico que angaria soldados e voluntários e mantêm o conflito. Ex.: conflito étnico em Ruanda.

³⁹ GARCIA, Leandro. Estratégias de acção: Guerra Clássica – a Guerra Limitada – a Guerra Subversiva, op. Cit. p 53).

⁴⁰ GUERRAS. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra#cite_note-12>.

5. Guerras de Secessão ou Separatistas: uma modalidade de Guerra Civil que visa a secessão ou separatismo de uma região frente à um governo central. Ex.: Guerra da Secessão Americana (1861-1865), Guerra da Biafra (1967).
6. Guerra de Libertação Nacional ou Independência: possui o objetivo político claro de libertar um território ocupado por uma potência estrangeira ou colonizado por metrópole. Ex.: Independência dos Estados Unidos da América.

Guerra de acordo com o tipo de armas estratégicas utilizadas⁴¹:

1. Guerra Nuclear: guerras baseadas no uso de armamentos nucleares como foguetes, bombas e mísseis com alcance mundial com o fim de aniquilar totalmente o oponente. Não há casos de guerras nucleares, mas há casos isolados como os ataques com bombas nucleares a Hiroshima e Nagasaki.
2. Guerra Biológica: é empregado o uso de agentes biológicos como meios de destruição. Vírus, bactérias e doenças são apenas alguns exemplos de agentes biológicos que podem ser utilizados. Ex.: Utilizados por japoneses durante a II Guerra Mundial contra a China e durante a Guerra da Coréia.
3. Guerra Química: é feito o uso de armas químicas, como o próprio nome já diz. Exemplos são: uso de gases na I Guerra Mundial (1914-1918) como o gás mostarda; e também o Agente Laranja utilizado na Guerra do Vietnã pelos americanos.⁴²

2.3. A IMPORTÂNCIA DA ESTRATÉGIA

Por mais que hoje em dia a “estratégia” venha sendo estudada como uma ciência, muitos ainda a consideram uma arte, conseguir planejar algo e fazê-lo acontecer é uma habilidade que poucos dominam.

⁴¹ GUERRAS. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra#cite_note-12>.

⁴² LIND, W. "Compreendendo as Guerras de Quarta geração". Military Review (port.), pg. 12-17, 2005.

Ao longo dos anos o termo “estratégia” mudou, evoluiu e se adaptou ao espaço e tempo; no mais, ela deixou de ser algo tipicamente militar para estar presente nos meios comerciais, políticos, econômicos e tudo mais o que conseguirmos pensar. Não é por menos que muitos executivos encontram na Arte da Guerra de Sun Tzu inspiração para que seus negócios prosperem por meio de lições passadas por este emérito general chinês.

Usaremos algumas definições de “estratégia” para que possamos identificar sua importância, seus efeitos e suas conquistas. Começaremos com Clausewitz, que primeiro a difere de ‘tática’ e depois a conceitua: “De acordo com a nossa classificação, portanto, a tática ensina o emprego das forças armadas no engajamento. A estratégia, a utilização dos engajamentos para atingir o propósito da guerra.”⁴³

Já para o Coronel Arthur Lykke, das Forças Armadas dos Estados Unidos da América, o conceito tradicional de estratégia, que é subtendida como a relação calculada de fins e meios, é: “A estratégia em qualquer nível consiste em fins ou objetivos, formas ou conceitos, e recursos ou meios” (LYKKE apud JABLONSKY, 2008)⁴⁴; e para Bobbio “[...] a estratégia é a técnica utilizada para alcançar um objetivo (individual ou coletivo, privado ou público, pacífico ou bélico-militar)”.⁴⁵

Podemos concluir, a partir destes autores, que a estratégia é primordial para o sucesso de uma investida, seja ela militar ou não. É através desta técnica que um lado tende a sair vencedor se este souber planejar-se e pensar adiante seus movimentos. É saber se adaptar aos mais diversos cenários e conseguir trabalhar as adversidades a seu favor de modo que estes o façam alcançar seu objetivo final; assim Sun Tzu já pregava que a melhor estratégia está em antecipar os movimentos do inimigo e se adaptar a eles:

Assim a forma mais elevada de estratégia militar é frustrar os planos do inimigo; em seguida, o melhor é impedir a união das forças inimigas; e depois ainda, nessa ordem, é atacar o exército do inimigo no campo de batalha; e a pior política de todas é sitiar uma cidade murada. (Sun Tzu, 2008, p.55).

⁴³ BRODIE, Bernard; HOWARD, Michael; PARET, Peter. CARL VON CLAUSEWITZ: Da Guerra. Disponível em: < <http://minhateca.com.br/MarcelSBU/Guerras/Carl+Von+Clausewitz+-+Da+Guerra,627775121.pdf>>. p.138.

⁴⁴ Volume I: Theory of War and Strategy. Disponível em: < http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/ssi/guide_natsec_v1_2010.pdf>, p.3.

⁴⁵ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p.431.

O emérito general ainda nos ensina como uma tática militar deve ser: “As táticas militares são como a água, pois a água, em seu curso natural, foge dos lugares altos e procura os mais baixos.” (Sun Tzu, 2008, p.84.)

2.4. AS CAUSAS DA GUERRA

Durante séculos a guerra passou por evoluções, como vimos na primeira parte deste capítulo, e com suas evoluções seus motivos também evoluíram. Em primeiro momento a humanidade guerreava por sobrevivência, logo passou a guerrear por território, depois por poder. No entanto, há algumas causas intrínsecas à guerra que a primeiro momento podem não ser compreendidas; aqui explicaremos um pouco mais sobre as prováveis causas da guerra.

V. Causas da guerra. — Uma análise das causas das Guerras pode levar a resultados tanto mais concretos quanto mais nos referimos a dados oferecidos pela realidade histórica. O estudo cuidadoso de um grande número de Guerras reais (Q. Wright) mostra, como conclusão, que as causas dos conflitos bélicos podem ser subdivididas em cinco categorias: causas ideológicas, econômicas, psicológicas, políticas e jurídicas. (BOBBIO, 1998, p.572).

As guerras comumente são a solução encontrada para alguns problemas, mas nem sempre esses problemas são resolvidos com a guerra.⁴⁶ Nos dias atuais, podemos ver muitos conflitos que são causados com o intuito de solucionar diferenças ou estabelecer quem tem mais poder. Assim, como Bobbio descreve em seu verbete sobre os tipos de guerra, há questões que estão inteiramente ligadas ao cerne do conflito.

Vejamos por exemplo as causas *ideológicas* das chamadas “Jihad”, ou Guerra Santa, pelos extremistas religiosos praticantes do Islã e pertencentes ao chamado “Estado Islâmico”. Em suma, o Estado Islâmico pretende expandir o seu califado por todo o Oriente Médio, baseando-se na “sharia”, um tipo de Lei Islâmica prevista no Corão. Além disso, o grupo visa expandir suas conexões pela Europa e ao redor do mundo no intuito de aumentar seu poder de autoridade através do terror.

47

⁴⁶VELAZQUES, John. The War Puzzle Revisited.

⁴⁷ FERNANDES, Claudio; SILVA, Daniel Neves da. Estado Islâmico – Grupo Terrorista.

Um outro tipo de guerra embasado em questões ideológicas é a Segunda Guerra Mundial que teve seu conflito iniciado através da premissa de que os arianos eram superiores às demais “raças” e que a miscigenação dos povos, diversidade cultural, entre outras, eram a causa do mal que assolava a Alemanha, segundo Adolf Hitler. Este, foi o estopim para uma guerra iniciada através da propaganda política de Hitler, que utilizou os meios de comunicação para inserir na sociedade suas ideias destorcidas, que apesar de serem absurdas foram compradas pela sociedade alemã por esta explicar o estado de ruínas em que se encontrava o povo e dar motivos para influenciar o nacionalismo alemão.

Na causa *política* da guerra encontramos a ascensão do nacionalismo que é um advento da guerra moderna. É através desse nacionalismo que muitos políticos do alto escalão escolhem ir à guerra, pois é por intermédio desta que as campanhas pró-guerra são aceitas já que ir à guerra significaria maior poder ao Estado, e assim, se manter acima dos outros.

O motivo político da guerra, portanto, mudou durante o período moderno de uma lealdade nacional dominante de muitos. A partir do desejo da classe governante de manter sua posição de domínio e prestígio no estado, tornou-se o desejo da população da nação de manter e melhorar a posição do Estado na família da nação. Ambos os tipos de motivos políticos, no entanto, continuam a operar com importância variável relativa em diferentes estados. (WRIGHT, 1942, p. 281, tradução nossa.).

Podemos usar a Segunda Guerra Mundial como exemplo novamente, pois foi através do nacionalismo inflamado por Hitler que seus nacionais aceitaram ir à guerra; ora, isto os tornaria uma nação potência novamente, os colocando, assim, em evidência e acima de outros Estados como já foram certa vez.

A economia sempre foi um ponto de partida muito importante quando se trata de guerra, muitas começaram por acreditar que isto traria benefícios econômicos para a nação, mesmo que isso seja revogado por muitos (WRIGHT, 1942, p. 281, tradução nossa). Durante a história, muitos Estados utilizaram a guerra como meio de obtenção de lucros, não necessariamente o Estado estava envolvido diretamente na guerra em si; este apenas vendia munições, armas, medicamento, uniformes, etc. ou obtivesse lucro através de vendas de jornais, segurança militar entre outros⁴⁸, de forma com a qual se beneficiava com o conflito. Assim, a causa *econômica* baseia-

⁴⁸ WRIGHT, Quincy. A Study of War Volume I. The Chicago University Press, 1942, p.281-283.

se na ideia de obtenção de lucros diretos obtidos com a Guerra. No mais, podemos concluir que as causas econômicas e políticas estão interligadas, uma vez que há o ganho de um por intermédio do outro. Dessa forma, Quincy Wright, em seu livro 'A Study of War', publicado em 1942, expõe:

Uma guerra pode ser combatida para aumentar o poder político, mas com todas as vantagens econômicas de tal poder. Além disso, mesmo que as condições sejam tais que a guerra não pode produzir recursos econômicos úteis para o bem-estar ou poder, a prontidão para o caminho pode dar prestígio e poder político relativo. O poder do governo pode contribuir para a estabilidade interna e para a realização de objetivos diplomáticos, e ambos podem ter uma utilidade econômica (p. 283, tradução nossa).

Muitos utilizaram a premissa de obtenção de vantagem econômica para levar suas nações à guerra por motivos especiais (ou pessoais), por proporcionar glória, ou prestígio político para algumas pessoas privilegiadas, este por exemplo, é uma pequena parte do contexto histórico da primeira guerra mundial.⁴⁹

A Guerra dos Cem Anos, entre a Nação Britânica e a França, pode ser a ilustração da causa *psicológica*, onde o nacionalismo incipiente nos franceses foi a causa da revolta dos cidadãos contra seus invasores. A causa *psicológica* difere da causa *ideológica*⁵⁰ por esta basear-se em ideologias ou doutrinas que infligem uma falsa consciência política na cultura de massa; já a primeira propõe utilizar-se de artifícios culturais para convencer o povo a lutar, visando, geralmente, a lealdade a nação e o sentimento de patriotismo proveniente dela.

As causas *jurídicas* são, geralmente, causas culturais que estão previstas em leis; podemos citar os casos de invasão de território e a necessidade de se proteger ou proteger um vizinho; ademais causas *jurídicas* são, em outras palavras, a segurança respaldada em leis.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ No seu significado fraco, Ideologia designa o genus, ou a espécie diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos. O significado forte tem origem no conceito de Ideologia de Marx, entendido como falsa consciência das relações de domínio entre as classes, e se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção da falsidade: a Ideologia é uma crença falsa. No significado fraco, Ideologia é um conceito neutro, que prescinde do caráter eventual e mistificante das crenças políticas. No significado forte, Ideologia é um conceito negativo que denota precisamente o caráter mistificante de falsa consciência de uma crença política. O significado forte de Ideologia sofreu, por sua vez, singular evolução. [...] Em Marx, Ideologia denotava ideias e teorias que são socialmente determinadas pelas relações de dominação entre as classes e que determinam tais relações, dando-lhes uma falsa consciência. (BOBBIO, 1998, p. 585).

Nos estados modernos, os ataques à pátria, aos funcionários e agências do governo, e aos cidadãos e seus bens foram considerados como violações da lei que justifica a guerra. As políticas tradicionais de muitos estados adicionaram outras lesões a esta categoria, como, por exemplo, ataques em território protegido ou vizinho. O homem comum aceitou a guerra como "natural" quando a sua iniciação tem sido fundamentada ou nacionalizada em conceitos jurídicos ou tradicionais, mas ele faz isso porque tem conceitos como o muro que protege os valores distintivos e preciosos de sua cultura e seu jeito de viver (WRIGHT, 1942, p.285-286 tradução nossa).

Nas primeiras declarações de guerra, (contexto da Primeira Guerra Mundial) os fundamentos legais baseavam-se na “defesa contra atos de agressão e assistência a inimigos, violações de garantias e razões de estado” (WRIGHT, 1965, p.289, tradução nossa). As declarações posteriores se baseariam nos princípios da justiça, da humanidade, da democracia e do direito internacional. No entanto, até 1907 na Convenção de Haia, onde seria exigido uma declaração de razão para iniciar-se uma guerra, não havia no direito internacional nenhum limite legal que estabelecesse a competência de um Estado em iniciar uma guerra.

3 AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA PARA A HUMANIDADE

Neste capítulo exploraremos um pouco mais acerca da guerra e suas consequências, como ela afeta a humanidade e como isso reflete em nossa sociedade analisando seus aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais. Como os atores se portam e influenciam nas guerras e quem são eles; as grandes potências e suas ações.

3.1. OS ATORES DA GUERRA

Em primeiro momento temos que caracterizar “ator” para inseri-lo no contexto da guerra; segundo as teorias tradicionais de Relações Internacionais, baseadas na paz de Westfalia, o Estado seria o ator central já que este possui soberania, princípio estabelecido em tal evento. Todavia, para um Estado ser reconhecido como tal é necessário que ele possua: territorialidade delimitada (fronteiras), população permanente (cultura), governo aceito e reconhecido e poder soberano (soberania) (CASTRO, 2012, p.432). Assim, o Estado é um ator estatocêntrico que possui soberania para exercer seus atos desde que este não impeça, invalide ou interfira na soberania de outrem.

Entre os atores estatocêntricos encontramos ainda: atores supraestatais que são organizações onde os Estados participantes deste acatam suas decisões baseados nos princípios da organização e também devido a sua característica legal e jurídica.

Uma série de organismos internacionais e outras coletividades estatais no pleno exercício e inequívoco de personalidade jurídica, criados por desígnio volitivo dos Estados pela cessão, renúncia ou delegação da *summa potestas*. Personalidade jurídica indica a capacidade de aquisição de direitos e obrigações perante o sistema internacional com a titularidade jurídica específica. Exemplos de atores supraestatais são: ONU, OMC, OIT, FAO, OEA, UNESCO, FMI, BIRD etc. (CASTRO, 2012. p.433-434)

Os atores infraestatais ou subnacionais, são aqueles que possuem poder de negociação parcial de âmbito internacional, independente das negociações de seu Estado-Nação. Tendo, assim, objetivos próprios.

Algumas áreas infranacionais de exercício limitado (parcial) permitido pelo Estado nacional de titularidade política internacional, como, por exemplo: Catalunha, País Basco, Porto Rico, Regiões semiautônomas. A temática da paradiplomacia (sic) também está associada à infraestatalidade. Os atores infraestatais são unidades subnacionais que podem ter capacidade político-jurídica de negociação e articulação internacional, mediante anuência plena e expressa da autoridade do governo central de acordo com os respectivos dispositivos constitucionais daquele Estado. (CASTRO, 2012. p.435).

E por fim, dentro dos atores supranacionais, temos os atores Antiestatais ou Paraestatais. Estes são grupos, muitas vezes considerados terroristas, que não acordam com a gestão de seu Estado nação e por muitas vezes usam a violência como forma de retaliar o Estado.

Grupos revolucionários, guerrilheiros ou fundamentalistas que, por meio do uso da violência, da intimidação, dos armamentos e da disciplina paramilitar visa a minar a autoridade do Estado e de sua soberania ou *summa potestas*: (FARC e a ELN na Colômbia; o extinto Sendero Luminoso, no Peru), cartéis de drogas de atuação transnacional, grupos terroristas, como o Al Qaeda, o ETA (Pátria Basca e Liberdade), o IRA (Irish Revolutionary Army) e os Triges Tamil no Sri Lanka. É natural se supor que essa classificação como terrorismo possui parcialidades e vieses ideológicos. A paramilitaridade e doutrinação radical e inflamada são características fundamentais dos atores antiestatais. (CASTRO, 2012. p. 435).

Desta forma, destacamos que os atores Estatocêntricos representam a vontade de seus povos de uma forma ampla, baseando-se, também, na prosperidade da nação, o que muitas vezes vai contra a vontade popular. Portanto, percebemos o porquê da existência de atores antiestatais.

Já os atores não estatais diferem dos atores estatocêntricos por estes não possuírem vínculos com os princípios de um Estado, ademais, sua finalidade, ideologia e objetivos também diferem, contudo, suas características jurídicas e legais são vigentes da maneira. A seguir, encontraremos breves resumos de suas características.

As Grandes Corporações Transnacionais (GCT) são empresas multinacionais que pregam a perda da territorialidade e a transnacionalidade. Não possuem a soberania dos Estados, mas em contrapartida possuem grande capital monetário e político. Os atores do segundo setor, como são conhecidos, tendem a maximizar os lucros em detrimento da exploração inter-regional por subterfúgio da globalização. Desta maneira, as GCT pregam uma pragmatização da relação entre Estado em grandes corporações, facilitando o acesso destas a novos territórios.

As grandes corporações transnacionais exercem expressiva capacidade de influência no atual contexto do assimétrico processo de globalização, de regionalização e de integração competitiva pela lógica neoliberal da “governança corporativa transnacional”. (CASTRO, 2012. P.438).

Os atores do terceiro setor são as ONGs (Organizações Não Governamentais), que possuem mobilização no setor estatal, sem ter laços profundos com este, em escala global. A grande visibilidade dada a este setor é proveniente dos assuntos tratados por estas entidades; nas últimas décadas tem crescido a importância do debate no que tange os Direitos Humanos, as ONG's são defensoras da dignidade humana, e muitas vezes as organizações deste terceiro setor são as únicas que conseguem adentrar situações de conflitos, um exemplo ilustrativo disto é a permissão da entrada da Cruz Vermelha no genocídio de Ruanda.

Por fim, temos os indivíduos como atores capacitados de causar influência no meio político internacional. Apesar destes não possuírem atribuições legais ou jurídicas, ou serem imputados, possuem, no entanto, o poder de influência devido a seu histórico pessoal e sua reputação em seu meio de ação. Não estão, todavia, ligados ao Estado para que possuam influência, como é o caso de Dalai Lama ou Madre Teresa, por exemplo. Outrossim, podemos citar Barack Obama que foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 2009; apesar de ter ganho o prêmio como agente individual, este era presidente dos Estados Unidos da América na presente época, sendo assim, este pode ser considerado como ator individual estatal e não apenas individual – sem correlação para com Estados.

Os atores individuais exercem capacidade de influência, mesmo não tendo nenhum vínculo direto com o Estado no manuseio da *summa potestas*, ressaltando a necessidade de responsabilidade social, de consciência ecológica e de respeito aos direitos fundamentais do homem (orto-ontopraxia). Às vezes, contudo, os atores individuais agem de maneira contrária aos direitos fundamentais e aos preceitos de respeito ao Direito Internacional. (CASTRO, 2012. p. 441).

Deste modo, podemos citar casos contrários do uso da influência no âmbito do Direito Internacional. Malala Yousafzai, local de uma cidade do Paquistão rente a fronteira do Afeganistão, ficou conhecida por lutar pelo direito a Educação e pela Igualdade. Tornou-se influente por ser nomeada ao Prêmio Nobel da Paz e por seu blog, o qual escrevia para a BBC urdu, relatando sua realidade diária em busca de

educação em uma região dominada pelo Talibã – grupo que reprimia o papel da mulher na sociedade e que destruiu mais de quatrocentas escolas na região. Sua influência é tamanha que conseguiu um fundo, em seu nome, para levar educação a crianças entre 5 e 12 anos na região de Swat, sua terra natal.

Embora Malala seja um exemplo positivo, temos também o exemplo de Osama Bin Laden que inaugurou o que chamamos de “Guerra Assimétrica”, guerra entre Estados e células terroristas. Bin Laden é conhecido por ser considerado o autor dos atentados às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001; é também conhecido como líder da Al Qaeda e idealizador de uma doutrina antiamericanista. Osama instaurou, assim, uma nova vertente nas RI, a guerra contra as células terroristas que não obedecem a horizontalidade do sistema internacional, desta forma, ele foi e ainda é considerado um indivíduo influente em âmbito global. Bin Laden foi anunciado morto no dia 2 de maio de 2011, dez anos após o atentado ao World Trade Center. Sua morte se decorreu em razão de uma ação de inteligência do exército norte-americano em parceria com o governo do Paquistão que o havia localizado na semana anterior, a missão que resultou em sua morte, no entanto, foi feita somente pela *Navy Seal*, elite da marinha americana.

The use of strategies of violence and terror by nonstate actors and transnational political movements is not a new feature of the international security environment. For at least the past two centuries, politically motivated nonstate groups have organized transnationally as a way of mounting a challenge to the political status quo, and many of these groups have employed violence as a means of furthering their goals. The ideology employed by such groups has varied across time and place, but the transnational strategies employed share similarities. (ADAMSON, 2007. p. 79).

Desta maneira, podemos concluir que os indivíduos podem fazer com que sua influência se torne tendência em grandes escalas, muitas vezes elas são usadas de maneira errônea causando sofrimento e violência através de grupos, como é a situação atual de muitos territórios devastados por ideologias extremistas.

Assim sendo, vimos como os atores presentes nas teorias das RI's estão inseridos no mundo atual, de uma forma ou de outra, podemos encaixá-los em alguma categoria presente neste tópico. As grandes células terroristas muitas vezes podem se encaixar na categoria de setor primário: estatocêntrico – antiestatal, por muitas vezes irem contra o regime de seu Estado pertencente, como é o caso da Síria, onde atualmente acontece uma Guerra Civil que, se contarmos com os

conflitos da Primavera Árabe, já perdura por quase 7 anos. O motivo da rebelião por grupos antiestatais é o regime ditatorial de Bashar al-Assad, muitos grupos não concordam com sua atuação governamental. Agravando a situação, muitos desses grupos aliaram-se ao Estado Islâmico levando ainda mais violência e terrorismo para a região.

O Estado Islâmico é bom exemplo de Guerra Assimétrica atual, onde os Estados aliaram-se contra as células terroristas pertencentes a este regime que visa acabar com as ideologias ocidentais presentes no Oriente Médio. Além disso, o Estado Islâmico prega a supremacia da religião muçumana, assim, o antissemitismo e a intolerância são as ideologias que norteiam este regime terrorista.

3.2. ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS

A Guerra sempre traz consequências junto a ela, e essas consequências tendem a mudar sociedades inteiras e muitas vezes acaba causando outras guerras que causarão ainda mais consequências; no entanto, se analisarmos o contexto histórico poderemos ver que a guerra não é apenas um ciclo, ela evolui, e assim, se torna uma espiral.

As decorrências da guerra são amplamente inseridas em todos os contextos da vida em sociedade, intrínseca a ela. No aspecto cultura, por exemplo, podemos citar nações inteiras que foram englobadas em outras culturas de forma que esta passou a ser esquecida, ou confundida com outras. Um exemplo disso são as guerras que ocorriam na Idade Média com o intuito de dominar e conquistar novos territórios, com esse pensamento, muitas civilizações foram dizimadas e omitidas da história humana.

As culturas podem, também, terem sido agregadas a outras formando novas identidades culturais. Segundo o Dicionário Michaelis, cultura entende-se por:

(Antropologia) Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social.⁵¹

⁵¹ Cultura. Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <
<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cultura>>.

Desta forma, culturas sofreram mutações ao longo das guerras agregando novos costumes, crenças e formando outras. Como é o caso do declínio do Império Romano que aconteceu devido a diversificação cultural. No mais, o cristianismo despontou como principal religião do Império Romano Ocidental, e com as invasões germânicas houve, assim, o declínio.

No que tange a cultura, também podemos citar como as guerras se tornaram tão intrínsecas a história da humanidade que possuímos uma “tradição” em resolver conflitos por meio das guerras. Na cultura de massa, por exemplo, temos uma vasta seleção de filmes onde a guerra é o principal assunto, incitando a sociedade a cultivar o clima de violência e de não tolerância, um cenário onde o diálogo e a diplomacia sequer existem em segundo plano, com muita sorte, talvez, no final do longa metragem onde todos os combatentes não possuem mais destreza para batalhar o que resta é resolver o conflito com falas.

Aludindo a questão política da guerra, e suas consequências, em primeiro momento devemos lembrar que a guerra é um meio político para chegar a um fim, muitas guerras foram travadas devido a anseios políticos. Sendo assim, é fácil relatar que algo político terá consequências políticas. Se tomarmos de exemplo a Segunda Guerra Mundial notaremos que a maioria de suas consequências possuía teor político; o fim do imperialismo alemão, juntamente com o italiano e japonês e o enfraquecimento do inglês e francês, e ascensão dos Estados Unidos como potência imperialista hegemônica, a URSS como potência militar dominante na Europa Oriental, e um levante de movimentos de libertação nacional nos países em que houve a colonização europeia, e até mesmo revoluções sociais, como é o caso da China, e por fim, a Guerra Fria, que ficou marcada na história por sua tensão. Desta forma, notamos que a maioria dos efeitos políticos que uma guerra pode causar está no aspecto de poder, uma vez que este é o propósito na maioria das vezes.

A guerra não é um fenômeno independente, mas a continuação da política através de meios diferentes. Consequentemente, as principais linhas de todo plano estratégico de vulto são em grande parte políticas em sua natureza, e o seu caráter político aumenta à medida em que o plano se aplica a toda a campanha e a todo o Estado. Um plano de guerra decorre diretamente da situação política dos dois Estados em guerra, bem como das suas relações com outras nações. Um plano de campanha tem origem no plano de guerra e frequentemente - se só houver um teatro de operações - pode até mesmo ser idêntico a ele. Mas o elemento político penetra até mesmo nos componentes isolados de uma campanha. Raramente deixará de influenciar os principais episódios da guerra, como uma batalha, etc. De

acordo com este ponto de vista, não poderá ser feita uma avaliação puramente militar de uma importante questão estratégica, nem poderá existir um esquema puramente militar para resolvê-la. (CLAUSEWITZ apud PARET, 1984. p.7).

Portanto, a guerra sempre estará atrelada à uma causa política o que conseqüentemente, produzirá um efeito político. O que difere é a escala em que ela ocorrerá: poderá ser em escala global, como foi o caso da Segunda Guerra Mundial, ou regional; a Primeira Guerra mundial é um bom exemplo, pois a região europeia passou por transformações políticas imensas. Da mesma forma, podemos citar a Revolução Francesa que apesar de ter sido um movimento nacional trouxe conseqüências políticas em toda a Europa, como a queda do absolutismo.

A guerra pode ser bem lucrativa para aquele que estiver do lado de fora, apenas fornecendo armamento e suprimentos, da mesma forma ela pode causar crises econômicas imensas em Estados que possuíram participações em conflitos.

Ora, já citamos neste trabalho que muitas guerras possuem cunho econômico na esperança de que a nação encontre soluções financeiras para suas crises internas, como é o caso da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, onde a população acreditava que ir à guerra resolveria a crise econômica do país, diminuindo o desemprego e reestabelecendo a Alemanha como potência econômica. No entanto, vimos que o objetivo alemão não saiu como esperado; ao invés disso, a economia europeia se viu defasada, devido ao endividamento europeu com o conflito, a desvalorização da moeda, danos as indústrias, no que se tange a estrutura, sem contar com o que a destruição dos países custou aos cofres públicos; além disso, a produção de bens agrícolas sofreu queda de cerca de 75%, juntamente com a produção industrial.

Todavia, a guerra traz, sim, conseqüências econômicas positivas desde que não se adentre ao conflito, ou envolva-se no final, como foi o caso dos Estados Unidos. Mediante a crise da Segunda Guerra Mundial, os EUA saíram como superpotência econômica por não sofrer perdas relativas, desta forma, houve o Plano Marshall que concedeu empréstimos à Europa e a Ásia (Japão) para sua reconstrução, lucrando massivamente sobre isso. Os países europeus vieram a produzir um *boom* econômico, a Alemanha Ocidental, por exemplo, teve um aumento em sua exportação de manufaturados. O Plano Marshall possibilitou a reconstrução de países capitalistas e permitiu que eles se reorganizassem

economicamente, mas tudo isso tinha um lado positivo aos EUA: este sairia beneficiado ao aumentar suas exportações ao mercado europeu.

Chegamos à conclusão, assim, que a guerra tem consequências econômicas positivas à uns e negativas a outros: por um lado, quem participa do conflito sofre danos catastróficos aos cofres públicos, de outro lado, quem não participa ou apenas dá respaldo, lucra intensamente com o conflito. No final, mesmo que a Alemanha tenha possuído uma positiva reação em seu PIB, ela ainda foi condenada a pagar indenizações aos países ao qual atacou e destruiu. Portanto, as consequências econômicas para a humanidade são relativas, depende fortemente de que lado do conflito você estará: no dentro ou no de fora.

Alguns assumem que os homens apoiam a guerra por causa da necessidade econômica ou da atração de oportunidades econômicas superiores, por causa da persuasão de classes econômicas dominantes ou de interesses especiais que se beneficiam com a economia de guerra. Outros assumem que a guerra vem devido ao desequilíbrio em fatores econômicos, por causa dos ciclos econômicos ou pela transição para um tipo diferente de economia. Nenhuma dessas teorias pode, no entanto, ser considerada certa pelos economistas no geral. (WRIGHT, 1942. p. 710. Tradução nossa).

Na visão social, notamos que as guerras deixam consequências amargas como fome, destruição de milhares de vidas, a morte de civis que muitas vezes superam a morte do número de combatentes. A Segunda Guerra é um exemplo, desemprego em grande escala gerado pela destruição de indústrias e consequentemente afetando o mercado de trabalho. No entanto, podemos citar aspectos positivos também, com o desemprego as mulheres acabaram por sair de casa à procura de oportunidades e direitos, foi assim que as mulheres conquistaram o direito ao voto, decorrência da situação após a Primeira Guerra Mundial.

Ademais, podemos citar como a teoria Arendtiana exemplifica o comportamento humano em meio a guerra: há a banalidade do mal, ou seja, o homem não mais acredita que cumprir regras seja um ato vil se este é seu trabalho, a “banalidade” seria apenas a infligir uma ação sem pensar no que ela realmente significa, suas consequências. Os indivíduos não mais possuem essa reflexão ante a seus atos. A exemplo disso podemos citar o próprio caso de Adolf Eichmann⁵², onde Hannah Arendt nos apresentou sua teoria, Eichmann disse não ser culpado

⁵² Adolf Eichmann foi chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler. Ele foi responsável pela deportação de milhares de judeus para campos de concentração.

pelas atrocidades que cometeu durante o Holocausto, pois estava apenas a cumprir ordens. Assim sendo, os reflexos sociais vão além dos que podemos “notar” em primeiro momento, ele reflete principalmente no comportamento social da humanidade.

3.3. A INFLUÊNCIA DAS GRANDES POTÊNCIAS

Não é de hoje que vemos como as grandes potências mundiais detêm o poder de influenciar pacificamente ou violentamente conflitos. Um caso atual disso é o que ocorre na região da Síria: parte dos rebeldes que lutam contra o governo sírio é financiado através do governado estadunidense, por outro lado a Rússia financia o governo sírio, com armamento, para que pudesse recuperar seu papel de potência regional.

A Organização das Nações Unidas tem como objetivo a promoção da paz mundial, ajuda mutua entre Estados e o equilíbrio de poder. No entanto, não é isso que realmente acontece. Por trás do Conselho de Segurança da ONU estão as maiores potências mundiais, sejam elas econômicas ou militares, e ali é decidido se a ONU poderá intervir em algum conflito ou não, visando sempre a preservação da paz. Todavia, o que acontece é que o controle usado neste conselho de segurança serve apenas para o interesse dos países ali presentes. Podemos citar o genocídio de Ruanda onde não houve a intervenção da organização pelo simples fato de que o país não possuía interesses geoeconômicos para tais nações.

Por outro lado, vemos que mesmo quando o Conselho de Segurança tenta sancionar medidas, esta nem sempre é cumprida, como o caso da Guerra do Iraque, onde os EUA nem sequer passou por aprovação do conselho, sabendo que este repudiaria suas ações. Perto da região, é válido também lembrar que Israel tem apoio norte-americano no conflito contra a Palestina, pois através de sua hegemonia (conquistada após a Segunda Guerra Mundial e sua vitória na Guerra do Golfo) pretende “estabilizar” o Oriente Médio. É necessário ressaltar que o território do Oriente Médio possui vasta produção de petróleo – produto altamente cobiçado por norte-americanos.

Ademais, se analisarmos os contextos históricos das maiores guerras podemos ver que em todas elas alguma superpotência detinha interesses diretos com o conflito, e que de alguma maneira estas teriam vantagem com a guerra,

sendo essas vantagens políticas, econômica, ou territoriais – que não deixa de ser política voltada ao poder territorial.

3.4. RESPOSTAS DO SUJEITO À BARBÁRIE

A sociedade internacional mudou ao decorrer das guerras, isso é inegável, mas a forma como o sujeito responde à barbárie pode estar tão intrínseco ao modo como vivemos atualmente que não necessariamente pensamos que isto é um efeito advindo dela.

Vivemos em uma era de individualismo, onde as relações interpessoais estão mais “líquidas”, como Bauman aponta. Essa liquidez se dá ao fato dos indivíduos viverem a mercê do medo, medo este que pode estar vinculado a qualquer relação que possamos vir a ter, e relações essas que passaram a ser mais “flexíveis” para se adequarem a nossa necessidade de nos proteger deste “medo”.

No entanto, não foram somente nossos relacionamentos que sofreram com os efeitos, mas também a banalização da violência, ou do mal, como Hannah Arendt expos, e já foi citado anteriormente aqui. A banalidade de seguir instruções sem questioná-las e, juntamente, com a individualização das ações nos mostram como a sociedade se voltou para a cultura da autoproteção.

No mais, é importante ressaltar como a cultura de massa, *Hollywood* principalmente, tem usado a violência como forma de obter lucro. Todavia, isso é somente possível devido a nossa sociedade possuir valores invertidos que, atualmente, consideremos a violência como algo cotidiano e corriqueiro e algo inerente às relações humanas. Exemplo disso é a alta taxa de tiroteios nos EUA, somente esse ano houve mais de 154 tiroteios em massa, isso se dá diante a cultura de guerra que os EUA possuem, e a facilidade com que as pessoas têm acesso a armas. Assim, é possível compreender como as respostas da barbárie sejam, também, barbáries, contudo, em escalas menores.

“Entendo por barbárie — diz ele — algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo particularmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem (...) experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, por um impulso de destruição (...)” (ADORNO, 1995. p. 155.).

É necessário que se faça um adendo sobre a Declaração de Sevilha, na qual profissionais pertinentes a área de biológicas, buscam afirmar que a guerra, e, portanto, a violência, não é um produto proveniente da natureza humana ou de nossa genética: ela muitas vezes é o resultado de milhares de anos da cultura humana, pois, os seres humanos escolhem ser violentos. Este processo é fruto, muitas vezes, de fatores emocionais e cognitivos, desta forma, mesmo que os seres humanos escolham ser violentos, eles não estão condenados a viverem em um estado de guerra, uma vez que eles podem escolher a não mais viver em meio a violência.⁵³

⁵³ Declaração de Sevilha sobre a Violência. Espanha, 1986. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/sevilha.htm>>. Acesso em 28 de novembro de 2017.

4 OS EFEITOS QUE PERDURAM

Aqui faz-se necessário uma análise das consequências da guerra a longo prazo, como isso influenciou e influencia nossa vida cotidianamente, e como o cenário internacional lida com isso. No mais, consideraremos como estes efeitos estão intrínsecos em nossa cultura ao ponto de sermos dependentes da guerra para a resolução de litígios e seu contraste em relação aos debates atuais relativos à paz.

4.1. A TENTATIVA DE ESQUECER E A MUDANÇA DE FOCO

Após a Guerra Fria, o mundo se viu em uma nova ordem mundial, não mais havia a distensão entre duas hegemonias e o capitalismo foi o grande vencedor do embate, assim estamos vivendo uma ordem com um mundo unipolar (EUA). No entanto, apesar do liberalismo crescer frente a outras ideologias, vimos majorar também, a necessidade dos atores internacionais se protegerem, no âmbito da Segurança Internacional.

Com o advento da globalização, ficou ainda mais fácil o mutuo acesso a informações, pois não mais há barreiras; os territórios passaram a ser meros limites que não são “respeitados” no campo informacional. Assim, muitos países passaram a realizar coalizações e ações conjuntas para a promoção do bem-estar internacional.

Além disso, podemos salientar como esse período pós-guerra trouxe a necessidade de esquecimento por parte das outras nações. A Alemanha, por exemplo, focou na produtividade de sua indústria e na reestruturação econômica do país; passou a focar em seus nacionais e não nos ativos alheios, cuidando para que esta se fortalecesse o bastante e se tornasse potência sem o uso da força, do *hard power*⁵⁴, e passou a utilizar-se do *soft power*⁵⁵ para que seus objetivos se concretizassem.

É possível notar uma maior integração internacional, uma interdependência quase complexa onde os países buscam interesses comuns ou inimigos em comum,

⁵⁴ Capacidade de um país obter o que quer através da força bruta, da punição e recompensa, por intermédio, na maioria das vezes, da aplicação da força militar e da pressão econômica.

⁵⁵ Difere do *Hard Power* por basear-se na capacidade do Estado influenciar os outros através de sua força de persuasão.

para uma relação mais estável e duradoura longe de abalos que trariam uma possível Terceira Guerra. A Paz, ou estudos da paz, passam a ter maior importância na sociedade global que busca, por meio da Segurança Internacional mantê-la. A Cultura de Paz, ou estudos da paz, tem como objetivo estudar como conflitos violentos podem ser prevenidos, e como fazer a paz ser duradoura.

One of the main strengths of the peace view is that it focuses attention directly onto the problem of war. In so doing, peace encourages both a useful, holistic perspective, and a normative stance opposed to the aggressive use of force in international relations. This combination of holism and anti-war sentiments usually means that anarchy is seen primarily as part of the problem. (BUZAN, 2009, p.119).

Houve a mudança do foco da guerra, antes as guerras eram “simétricas” – Estados entre Estados –, e agora se tornarão “assimétricas”: Estado contra grupos, indivíduos, redes clandestinas, etc., desta maneira, vimos a ascensão da *Guerra ao Terror* proposta pelos Estados Unidos da América, onde a discursiva trazia os preceitos de que o inimigo agora era outro: o terrorismo.

É sabido que o terrorismo é uma consequência de situações onde houve a intervenção de Nações em outras Nações, o próprio grupo terrorista atual é um exemplo disso, assim, mudou-se o foco, mas o objetivo muitas vezes continuou o mesmo: a disputa por poder.

Ademais é preciso lembrar dos horrores das guerras, e como as guerras deixam cicatrizes profundas não só nos seres humanos, mas também na comunidade internacional. Como isso afetou e ainda afeta a dinâmica entre Estados, populações inteiras; primordialmente não existiam as regras que existem atualmente para “regular” tais conflitos, no entanto, mesmo que o Direito Internacional tenha evoluído, ainda há casos atuais de crueldade humana; podemos citar o ataque químico na Síria que matou dezenas de crianças, ainda que a comunidade internacional já tenha se mostrado indignada com o emprego das armas químicas.

Ora, a humanidade deveria aprender com seus erros, é irrefutável a premissa de que as guerras causam mais malefícios do que benefícios, é necessária que haja a mudança de foco no sentido de que as guerras não são fins para um meio, ou a continuação da política por outros meios.

E quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista? Não há como dizê-lo. Mas pode não ser utópico esperar que esses dois fatores, a atitude cultural e o justificado medo das consequências de uma guerra futura, venham a resultar, dentro de um tempo previsível, em que se ponha um término à ameaça de guerra. Por quais caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos adivinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra. (FREUD, 1932, s/n).

Até mesmo Freud, renomado psicanalista, repudiava as guerras e este trecho em particular nos mostra sua percepção de que a guerra não é algo que devemos recorrer a nosso bel prazer, que a mudança do foco (nas guerras) dependia da mudança, também, da cultura humana que sempre viu a guerra como artifício de ganhos. Todavia, anos mais tarde suas convicções sofreram abalos com o início da Segunda Guerra Mundial. A mudança na humanidade ainda estava longe de acontecer.

A segurança internacional vem sendo um debate muito discutido nos últimos anos, mas como nos proteger de nós mesmos quando as maiores ameaças vêm de nossos próprios líderes; possuímos órgãos que figuram ordenar e proteger os princípios humanos, a vida, mas o que ocorre é a proteção de interesses egoístas que podem levar a destruição do planeta.

As guerras somente serão evitadas com certeza, se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central a que será conferido o direito de arbitrar todos os conflitos de interesses. Nisto estão envolvidos claramente dois requisitos distintos: criar uma instância suprema e dotá-la do necessário poder. Uma sem a outra seria inútil. (FREUD, 1932).

Desta forma, é necessária a união entre os povos, as sociedades e Estados para que vejamos como a guerra não é benéfica. Ora, estamos totalmente acostumados com a resolução dos conflitos por meio da força e da violência que esquecemos que há outras maneiras de resolução, possivelmente mais demoradas ou que não atingem as especificações de alguns líderes, mas no geral, traz mudanças na forma de agir da sociedade de modo que a humanidade se veja livre desses horrores e devastações ocasionadas pela guerra.

4.2. A FORÇA DE TRADIÇÃO

A guerra está presente em todos os períodos históricos da humanidade e sempre foi o meio escolhido por grandes líderes para chegar a seus objetivos. Atualmente, vemos que apesar das revoluções tecnológicas e nos meios de fazer a guerra, ela ainda está presente na nossa sociedade.

A guerra é uma tradição, é um modo de agir característico do ser humano desde os primórdios da nossa história. No entanto, o que vivenciamos nos dias de hoje é um novo modo de realizá-la, após a guerra fria surgiu um novo padrão: a tensão entre Estados por meio das ameaças e “avisos”.

É impossível estabelecer qualquer julgamento geral das guerras de conquista. Algumas, como as empreendidas pelos mongóis e pelos turcos, não trouxeram senão malefícios. Outras, pelo contrário, contribuíram para a transformação da violência em lei, ao estabelecerem unidades maiores, dentro das quais o uso da violência se tornou impossível e nas quais um novo sistema de leis solucionou os conflitos. Desse modo, as conquistas dos romanos deram aos países próximos ao Mediterrâneo a inestimável *pax romana*, e a ambição dos reis franceses de ampliar os seus domínios criou uma França pacificamente unida e florescente. (FREUD, 1932, s/n).

Podemos ver isso claramente na situação atual de Donald J. Trump, presidente eleito dos Estados Unidos da América, e Kim Jong-Un, líder supremo da Coreia do Norte, onde os dois líderes vivem se ameaçando para atingir o outro, e também, a Coreia do Norte, que constantemente faz testes nucleares para a demonstração de suas forças bélicas. De tal modo, é notável a correlação entre a situação atual e o cenário da Guerra Fria.

Também é de suma importância salientar como a atual nação hegemônica tenta resolver seus problemas por meio do *Smart Power*⁵⁶, ou seja, com a combinação entre diplomacia e o uso da força. Exemplo disso é o caso da Guerra do Iraque, onde baseados na premissa da Guerra ao Terror, os estadunidenses invadiram o Iraque, desrespeitando a soberania do país e o Direito Internacional, para capturar o líder da organização terrorista responsável pelo ataque as Torres Gêmeas.

Fala-se frequentemente da função social das Guerras. Estas têm sido vistas como mecanismos de estabilização do poder ou da economia, ou da regulação da pressão demográfica, ou de desvio das tendências antisociais, ou ainda de promoção do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Pode-se afirmar, porém, que o advento das armas nucleares privou-as praticamente de qualquer das funções acima citadas. Como

⁵⁶ Seria a combinação entre *Hard Power* e *Smart Power*, um equilíbrio entre o uso da força e o uso da persuasão.

consequência disto, desenvolveu-se uma tendência cada vez maior a buscar, seguindo o caminho científico e tecnológico, quais os meios de controle de que o homem dispõe e quais as alternativas que existem para os conflitos armados. Esta busca parte da constatação de que os instrumentos tradicionais de controle, ou seja, as normas jurídicas e éticas, não conseguiram impedir o deflagrar das Guerras (segundo estudos recentes, em 3.400 anos da história da humanidade, o mundo teve apenas 234 anos de paz, definível em termos de ausência de conflitos armados; conforme os cálculos de Singer, desde o Congresso de Viena até hoje, ocorreram 93 Guerras). Diante disto, faz-se necessário trilhar os caminhos do "ser" e não os do "dever ser". Damos o exemplo de Etzioni, que sugeriu, como muito útil para estes fins, o estudo de como as indústrias aprendem a mudar seus objetivos de competição, de negativos e destrutivos (Guerra de preços), em positivos e construtivos (concorrência qualitativa). Esta pesquisa, que tem a finalidade de controlar a Guerra e de construir para ela várias alternativas, é hoje conhecida pelo nome de *peace research*. (BOBBIO, 1998. p.584).

Desta forma, notamos que a Guerra já é algo corriqueiro em nossa sociedade, que é plausível a resolução de litígios por meio do combate armado mesmo que haja, atualmente, um organismo intergovernamental – a ONU, para que esse tipo de resolução não ocorra. Todavia, é válido lembrar novamente que a parte majoritária detentora dos maiores poderes na ONU são as grandes potências e hegemonias regionais que visam interesses próprios ante a Segurança Internacional.

Nas cartas entre Freud e Einstein, supracitadas, notamos como os dois grandes teóricos (um físico e o outro psicanalista) indagam sobre a necessidade da humanidade recorrer aos meios violentos para a obtenção de seus objetivos. Acerca disso, chegam a conclusão de que a violência é inerente a natureza humana, e que esta natureza consiste em ser mais biológica do que se psíquica. Outrossim, no que tange a parte psicológica, Freud nos elucida sobre as “paixões” do homem, ou seja, aquilo que os faz se sentir vivos, assim, a figura humana busca na guerra, violência, sentir-se vivos e melhores por meio da dominação do outro. Quem tem mais poder pode vir a ser o “melhor”.

É, pois, um princípio geral que os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. É isto o que se passa em todo o reino animal, do qual o homem não tem motivo por que se excluir. No caso do homem, sem dúvida ocorrem também conflitos de opinião que podem chegara atingira mais raras nuanças da abstração e que parecem exigir alguma outra técnica para sua solução. Esta é, contudo, uma complicação o a mais. No início, numa pequena horda humana, era a superioridade da força muscular que decidia quem tinha a posse das coisas ou quem fazia prevalecer sua vontade. A força muscular logo foi suplementada e substituída pelo uso de instrumentos: o vencedor era aquele que tinha as melhores armas ou aquele que tinha a maior habilidade no seu manejo. A partir do momento em que as armas foram introduzidas, a superioridade intelectual já começou a substituir a força muscular bruta; mas o objetivo

final da luta permanecia o mesmo — uma ou outra facção tinha de ser compelida a abandonar suas pretensões ou suas objeções, por causa do dano que lhe havia sido infligido e pelo desmantelamento de sua força. (FREUD, 1932, s/n).

Vemos assim como a humanidade possui intrínseca em seu ser a necessidade de fazer o uso da violência, mesmo que ela tenha evoluído nos dias de hoje e não seja mais necessário o uso da força braçal. A tradição do uso da guerra é algo cultural, que nós aprendemos desde os primórdios quando lutávamos por sobrevivência. No entanto, nos dias de hoje não lutamos mais por sobrevivência, lutamos pela sede de poder, da conquista, de ter a capacidade de subjugar o adversário aos sairmos vitoriosos de uma batalha.

Nas cartas entre Einsten e Freud, o físico aponta uma solução, baseada na Liga das Nações (modelo antigo no qual a ONU se baseou), para que não haja mais guerras: um órgão supranacional que seja capaz de coordenar os conflitos. Todavia, em sua mesma linha de pensamento já encontra o empecilho na sua resolução: o ser humano não acataria as regras devido a sua necessidade de poder, e perder a hierarquia e se submeter às ordens não convém aos objetivos de uma Nação quando esta não lhes traz nenhum benefício; ademais, a lei e o poder muitas vezes possuem o mesmo significado para alguns, e assim, perde-se sua finalidade quando esta pode ser corrompida ao ser conquistada.

Como pessoa isenta de preconceitos nacionalistas, pessoalmente vejo uma forma simples de abordar o aspecto superficial (isto é, administrativo) do problema: a instituição, por meio de acordo internacional, de um organismo legislativo e judiciário para arbitrar todo conflito que surja entre nações. Cada nação submeter-se-ia à obediência às ordens emanadas desse organismo legislativo, a recorrer às suas decisões sem todos os litígios, a aceitar irrestritamente suas decisões se a pôr em prática todas as medidas que o tribunal considerasse necessárias para a execução de seus decretos. Já de início, todavia, defronto-me com uma dificuldade; um tribunal é uma instituição humana que, em relação ao poder de que dispõe, é inadequada para fazer cumprir seus veredictos, está muito sujeito a ver suas decisões anuladas por pressões extrajudiciais. Este é um fato com que temos de contar; a lei e o poder inevitavelmente andam de mãos dadas, e as decisões jurídicas se aproximam mais da justiça ideal exigida pela comunidade (em cujo nome e em cujos interesses esses veredictos são pronunciados), na medida em que a comunidade tem efetivamente o poder de impor o respeito ao seu ideal jurídico. (EISTEIN, 1932, s/n).

4.3. OS EFEITOS DA GUERRA

As guerras possuem muitas consequências, muitas delas já foram citadas neste trabalho. No entanto, os efeitos das guerras possuem um teor mais profundo de transformação quando falamos nas ondas migratórias que elas causam, ou no sentido do comportamento humano que ela modifica ao evoluir com o contexto histórico.

Ao falarmos sobre imigração devemos compreender que este tipo de deslocamento do qual estamos falando ocorre num contexto onde a forma de viver já não é mais a ideal ou que esta não possui parâmetros que sustentem a possibilidade de uma vida digna. Muitas vezes os lugares donde os imigrantes partem possuem campos de bombardeio e/ou são territórios dominados por milícias devido à guerras civis, ou até mesmo grupos terroristas onde muitos são perseguidos (a maioria por grupos antissemitas); sem contar com a devastação que assola comunidades inteiras causando miséria e sofrimento.

Podemos comparar essa situação atual dos refugiados com os refugiados provenientes da Segunda Guerra Mundial, naquela época cerca de 50 milhões de deslocados deixaram suas casas em busca de um lugar seguro. Porém, nos dias de hoje os refugiados chegam a quase 60 milhões, mas não é isso que difere, no contexto da Segunda Guerra, os migrantes eram em sua maioria brancos e europeus, desta forma eram bem acolhidos perante a sociedade europeia. “Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. [...]” (BAUMAN, 2017, p.13). Já os refugiados atuais são recebidos com uma onda de conservadorismo e intolerância, parte deste motivo se deve ao fato de que eles são, em grande parte, provenientes da África e Oriente Médio e buscam novas oportunidades.

A migração em massa não é de forma alguma um fenômeno recente. Ele tem acompanhado a era moderna desde seus primórdios (embora com frequência mudando e por vezes revertendo a direção) -, já que nosso “modo de vida moderno” inclui a produção de “pessoas redundantes” (*localmente* “inúteis”, excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico; ou *localmente* intoleráveis, rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões causadas por transformações sociais/políticas e subsequentes lutas por poder). Além de tudo isso, contudo, hoje suportamos as consequências da profunda e aparentemente insolúvel desestabilização do Oriente Médio, na esteira das políticas e aventuras militares das potências ocidentais, estupidamente míopes e reconhecidamente fracassadas. (BAUMAN, 2017, p.9).

No que tange este assunto, é possível notar como o conservadorismo e a premissa de segurança nacional trouxe à tona os piores lados de alguns governos que entende que a entrada de imigrantes pode alavancar atentados terroristas. Podemos citar o caso da Hungria onde o país levantou cercas elétricas com altofalantes no intuito de barrar a entrada de refugiados, e ainda, criou campos de “concentração” que visam “acolher” os imigrantes temporariamente até que a situação destes seja resolvida legalmente; muitos terão de esperar por aprovação de vistos para a entrada no país, e até mesmo aqueles que já residem no território terão que passar por inspeção. Nas palavras do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, os refugiados seriam “um cavalo de Tróia do terrorismo”.

A Hungria não está sozinha nesta vertente que defende a criação de “cercas” para se protegerem, a Polônia pretende seguir pelo mesmo caminho, pois busca se defender de potenciais ataques terroristas. E também o Muro de Israel que visa a proteção de Israel contra os palestinos, protegendo, desta forma, ataques a Jerusalém.

[...] A construção de muros para impedir que os migrantes cheguem perto de “nossos quintais” aproxima-se ridiculamente da história do antigo filósofo Diógenes, empurrando o barril em que vivia de um lugar para outro ao longo das ruas de sua Sínope natal. Indagado sobre as razões de seu estranho comportamento, respondeu ele que, vendo seus vizinhos ocupados em guarnecer suas portas e afiar suas espadas, desejava contribuir também para a defesa da cidade, evitando que fosse conquistada pelas tropas de Alexandre de Macedônia, que se aproximavam. (BAUMAN, 2017, p.10-11.).

Estes são apenas alguns discursos conservadoristas de cunho xenofóbico que surgiram de guerras e conflitos e que desta maneira evoluíram para efeitos oriundos destes flagelados que são pertinentes aos tempos atuais. Os casos da Hungria e da Polônia são efeitos causados pelos conflitos no Oriente Médio que começaram a acontecer ainda nesta década⁵⁷; já o caso do Muro de Israel é resultante do conflito com a Palestina, que se iniciou com a criação do Estado de Israel em 1948 pela Organização das Nações Unidas.

No mais, é sensato analisarmos como ainda estamos vivendo uma certa tensão em relação aos armamentos nucleares. Atualmente vivemos sob crescente ameaças por parte da Coreia do Norte em retaliar o poderio militar estadunidense; a

⁵⁷ A Primavera Árabe começou em 2011 e lutava contra governos do mundo árabe por meio de manifestações, revoltas, protestos e revoluções populares. A Síria ainda mantém uma guerra civil entre o governo e os rebeldes que vão contra o governante do país.

Coréia acusa o país norte-americano de interferir na soberania de outros Estados. Outrossim, é interessante ressaltar que mesmo após o simbólico fim da Guerra Fria, com a queda do muro de Berlim e o desfalecimento do regime soviético na antiga URSS, notamos a antiga distensão entre EUA e Rússia. No conflito da Síria, citado diversas vezes neste trabalho, enxergamos essa dicotomia claramente: os Estados Unidos apoiam os rebeldes, armando-os, e a Rússia apoia o regime de Bashar-Al-Assad.

Assim, relatamos como os efeitos da guerra podem ser ainda mais duradouros que suas consequências, entendidas aqui como imediatas; os efeitos perduram até hoje, mesmo com a crescente onda de uma união entre Estados visando a Segurança Internacional há também a crescente corrente conservadora e de soberania nacional que visa a “proteção” de seus nacionais e prega uma visão preconceituosa e xenofóbica em relação ao movimento de migração dos refugiados.

O que tem acontecido nos últimos anos, contudo é um enorme salto no contingente de refugiados e pessoas em busca de asilo, acrescido ao volume total de migrantes que já batiam às portas da Europa; esse salto foi causado pelo número crescente de Estados “afundando”, ou já submersos, ou - para todos os fins e propósitos - de territórios sem Estado, e portanto também sem leis, palcos de intermináveis guerras tribais e sectárias, assassinatos em massa e de um banditismo permanente do tipo salve-se quem puder. Em grande medida, trata-se de um dano colateral produzido pelas expedições militares ao Afeganistão e ao Iraque, fatalmente mal avaliadas, malconduzidas e calamitosas. Elas terminaram com a substituição dos regimes ditatoriais pelo teatro sempre aberto da desordem e num frenesi de violência [...]. O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo dos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados “migrantes econômicos”, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde [...]. (BAUMAN, 2017, p.11-12).

4.4. NÓS DEPENDEMOS DA GUERRA?

A guerra sempre foi e sempre será o grande trunfo do homem ao querer atingir seus objetivos e não dispendo de outros meios, utiliza-se da violência e do terror para alcançar seus fins. A contemporaneidade trouxe consigo novas formas de estabelecer soluções para findar conflitos, no entanto, a humanidade, mesmo com séculos de história, não aprendeu com o passado de que guerras só trazem malefícios.

Como visto ao longo deste trabalho, muitas são as causas encontradas por “líderes” para iniciar um embate no intuito de trazer melhorias para a sociedade na qual se está inserida. Na maioria das vezes a razão pela qual o soberano decide adentrar ou iniciar uma guerra tem cunho econômico, pois este acredita que o conflito seja capaz de trazer benefícios de interesse interno. A prerrogativa de que a guerra é lucrativa não está errada, mas faz-se necessário compreender que quem lucra não são os civis e o interesse nacional daqueles envolvidos diretamente no conflito, mas sim de grupos ou governos estrangeiros que veem a guerra como mercado para a exportação de seus produtos; armamentos, medicamentos, alimentos, roupas, energia, etc.

É válido ressaltar, também, que a cultura ocidental cinematográfica, *Hollywood*, lucra milhões ao produzirem filmes que com a temática de guerras; a cultura de guerra está tão intrínseca em nossa sociedade que não notamos que a cultura de massa está cheia de referências de guerras, ou quando nota-se, cultuamos a guerra como algo que torna “homens” superiores ante outros. Ademais, é importante lembrar que esta cultura midiática de guerra dos estúdios *hollywoodianos* provém nitidamente do patriotismo norte-americano, desta forma, quem vai ao combate é amplamente respeitado por seus compatriotas que os contemplam por sua “bravura”. Desde muito jovens as crianças estadunidenses aprendem a importância de servir ao seu país; este “servir” é herança da revolução da Francesa, a qual estabeleceu o alistamento militar⁵⁸, assim, o patriotismo e o nacionalismo são as bases fundamentais deste exemplo de cultura de guerra.

Além disso, vários jogos de *video game*, como *Call of Duty* que retrata a Primeira Guerra Mundial; de tabuleiros como *War*, que é um jogo de estratégia com o objetivo de conquistar o maior número de territórios possíveis; ou “esportes de combate”, como o *paintball*, *airsoft* que recriam o cenário de um combate armado; e até mesmo as modalidades de arco e tiro esportivo, trazem a guerra como forma de entretenimento. Fica claro como a guerra está sempre envolvida em algum aspecto cultural em nossa vida; filmes e jogos são os tipos mais acessíveis de cultura, juntamente com a música, a qual podemos citar 1999 do Prince que remete ao medo que a população sentia durante a guerra fria, “everybody’s got a bomb/ we could all die here today/ but before I’ll let that happen/ I’ll dance my life away”; e *Alive With the*

⁵⁸ Citado anteriormente no capítulo um no contexto histórico da Revolução Francesa.

Glory of Love por *Say Anything* que falava sobre a Segunda Guerra Mundial na perspectiva de um judeu que não queria que sua namorada fosse levada para os campos de concentração:

Should they catch us and dispatch us to those separate work camps/ I'll dream about you. I will not doubt you with the passing of time/ Should they kill me, your love will fill me, as warm as the bullets/ I'll know my purpose. This war was worth this. I won't let you down.

No tocante ao poder, sempre terá nações que buscam se defender de possíveis ataques e desta forma atacam de forma preventiva⁵⁹, ou que atacam, pois almejam mais poder e o que simplesmente se defendem, de qualquer forma, em todas elas a ação mais provável para realizar seus objetivos é a guerra. Há ainda aqueles que usam a guerra como forma de obtenção de poder político. A Guerra Fria é um grande exemplo disso, foi através do conflito que as hegemonias ali presentes conquistaram seu valor político, Rússia se consolidou como potência militar apesar de ter “perdido” o conflito, e os Estados Unidos da América, em 1989, saiu vitorioso, conseguindo, assim, se fixar como grande potência econômica além de se estabelecer como hegemonia e império mundial no que tange a grande influência global.

No entanto, mesmo com toda essa hegemonia e poderio militar, os Estados Unidos ainda sim se veem no papel de interferir em outras soberanias para manter a “paz”, em várias ocasiões o país se utilizou do título para intervir em conflitos e colocar suas ideologias frente aos interesses dos países no qual adentrava. Um exemplo claro disso foi a intervenção no Iraque na chamada Guerra ao Terror que visava o extermínio do terrorismo, todavia, esta era apenas uma justificativa, seu objetivo principal era o petróleo proveniente do Oriente Médio. Desta maneira, utilizamos este exemplo para explanar como a guerra serve como meio de obtenção de objetivos. Já é uma tradição usar a guerra e sempre voltaremos a utilizá-la para conquistar nossos objetivos. A raça humana se tornou dependente deste recurso e não há sinais que de que a abandonaremos tão cedo.

O Direito Internacional, entretanto, não mais foi respeitado pelos Estados Unidos desde que o conflito bipolar – político e ideológico – desapareceu, virtualmente, com a desintegração da União Soviética. O capital financeiro, globalmente dominante e concentrado nos Estados Unidos, onde Wall

⁵⁹ Já explicado em Tipos de Guerras, capítulo um.

Street, a principal sede, está, e nas demais potências industriais do Ocidente, deixou de reconhecer o direito de todas as nações à autodeterminação e independência política, expressão da crença democrática na igualdade dos Estados soberanos. O tipo de Estado nacional como se formou nos séculos XVI e XVII gradativamente começou a desaparecer com a globalização, conforme observou o politólogo alemão Herfried Münkler. Os Estados Unidos, desde o fim do Bloco Socialista, empenharam-se em estabelecer a *Pax America*, com a criação de protetorados informais, sob o manto da OTAN. [...] E daí porque os Estados Unidos, a fim de legitimar a projeção de seus valores (livre empresa, câmbio livre, liberdade de circulação de capitais e mercadorias), como valores universais, insistiam em impor o conceito de que o mundo estava a entrar no que Henry Kissinger chamou de “*post-sovereign era*”, na qual as normas dos direitos humanos prevaleceriam sobre as tradicionais prerrogativas de governos soberanos. (BANDEIRA, 2013, p.288-289).

Ademais, com o advento da globalização nos dias de hoje, há um novo tipo de guerra: a *cyberguerra*. Esta ocorre no meio *online* através da *internet*, a *cyberguerra* almeja ataques informacionais – guerra informacional, ou seja, o intuito da *cyberguerra* é, muitas vezes, roubar informações confidenciais ou espalhar notícias pela *web*, as chamadas *Fake News* são notícias de cunho falso que aparentam ser verdadeiras. No mais, a *cyberguerra* pode se constituir de ataques a servidores de rede (*internet*), como foi o caso do *cyber* ataque norte-americano aos servidores da agência militar espã norte-coreana e tinha o intuito de sobrecarregar o sistema e cortar a *internet* dos funcionários. Desta forma, nos dias atuais existem muitas maneiras de guerrear, não necessariamente se faz o uso de poderio bélico, o ataque agora pode vir de dentro de computadores.

Outrossim, o *cyberterrorismo* também vem ganhando forças, ele nada mais é do que uma vertente do terrorismo praticado via *internet* por intermédio de computadores e vírus. Os ataques são deliberados e tem como motivos questões ideológicas, políticas ou religiosas, e seu intuito é interromper o fornecimento de serviços essenciais como o fornecimento de água, energia, serviços de emergência e hospitalares; também podem infligir sistemas financeiros, sites governamentais, controle de tráfego aéreo, entre outros. Além disso, grupos terroristas extremistas como o Daesh⁶⁰ utiliza a *internet* para a divulgação de vídeos contendo ameaças através, muitas vezes, da execução de ocidentais. As últimas ameaças que o grupo proferiu foi em virtude da Copa do Mundo na Rússia que acontecerá em 2018, nas ameaças podemos ver combatentes extremistas ameaçando a vida de

⁶⁰ Mais conhecido como Estado Islâmico. No entanto, o termo remete ao ódio contra o Islamismo, desta forma, Daesh seria a forma correta de referenciar ao grupo.

personalidades do futebol como Messi e Neymar, e possui os dizeres: “Você está lutando contra um estado que não possui ‘falha’ em seu dicionário”, “Vocês não conhecerão segurança até vivermos em estados mulçumanos”, e também com Cristiano Ronaldo e diz: “Nossas palavras são o que você vê, não o que você ouve. Então espere. Nós estamos esperando também...”. **(Anexos C, D e E).**

Portanto, vivemos em uma sociedade que busca a guerra como forma de resolver litígios, seja ela por meios tradicionais, combate físico/bélico, ou por meios modernos, com o uso de computadores e vírus via internet. Os combates já estão tão intrínsecos em nós que vivemos uma paz armada, ou seja, alguns países estão em paz, mas possuem armamento bélico “para sua proteção”. No entanto, vários países ao redor do globo atualmente estão em guerra, sejam ela étnicas, civis ou ideológicas, mas como não se tratam de territórios pertinentes aos interesses das grandes potências elas acabam sendo esquecidas, e assim, diz-se que estamos em “paz” quando na verdade estamos tão longe disso quanto estávamos em 1942, no auge do conflito. Na realidade, estamos à beira de uma Terceira Guerra Mundial se observamos que nos conflitos que ocorrem atualmente há uma divisão entre Estados Unidos e Rússia, e agora também Coreia do Norte, desta forma, nota-se que a Guerra Fria não acabou em 1989, pelo contrário, ela é uma guerra intermitente e se arrasta até os dias de hoje de uma forma mais subjetiva, através do apoio a países terceiros, e em forma de vetos e concessões no Conselho de Segurança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer do trabalho analisamos os principais aspectos da guerra: sua tipologia segundo suas características, sua evolução durante o tempo, o modo como ela foi evoluindo para se adequar às inovações humanas, como isso afetou a humanidade e o indivíduo em si. Além disso, foi explorado a influência das grandes potências na guerra, suas causas, que muitas vezes eram baseadas no interesse e como nossa sociedade vive a chamada cultura de guerra.

As guerras sempre foram símbolos de destruição e caos, apesar disso, é comum pensar que as tecnologias avançadas que possuímos atualmente são decorrentes delas, uma vez que muitos países visam possuir uma vantagem sobre o inimigo estrategicamente. Desta forma, com a evolução da guerra houve também uma certa revolução tecnológica, no entanto, faz-se necessário compreender que a “tecnologia” aqui citada por ser entendida como qualquer nova descoberta pela humanidade, assim, temos o exemplo da Primeira Guerra Mundial que possuía em seu arsenal armas químicas, e graças a este novo tipo de “munição” muitas outras fórmulas foram criadas.

Além da evolução tecnológica houve também uma revolução na arte de “fazer a guerra”, ou seja, a estratégia também passou evoluções (anexo F). Hoje em dia é até mesmo considerada uma ciência, ora, o alto nível de compreensão necessária para ser um bom estrategista é extremamente raro, poucos são os que podem dizer que são bons estrategistas e isto intriga muitos cientistas que procuram descobrir a fórmula exata de uma boa estratégia.

Do mesmo modo, a tipologia da guerra também evoluiu para acompanhar as mudanças apresentadas, no começo, as civilizações almejavam apenas a sobrevivência e encontrava por meio da guerra se auto preservar. Hoje em dia, a guerra que estamos lutando diariamente parte, também, da premissa da autopreservação, todavia, a guerra deixou de ser entre indivíduos, para Estados contra Estados e atualmente estamos vivendo o advento da Guerra Assimétrica: Estados contra grupos extremistas que buscam infligir terror e caos na comunidade internacional.

Aqui também foi analisado as principais causas da guerra, a mais comum entre elas é o motivo de dominação para aquisição ou demonstração de poder, assim sendo, isto torna-se um motivo político.

Na atualidade, podemos encontrar vários conflitos baseados nessa premissa, a maioria deles são conflitos étnicos. Podemos, até mesmo, inserir os grupos terroristas nesta categoria, dado o intuito de seus atos terroristas demonstrarem seu poder perante a sociedade internacional. No mais, vale ressaltar que outro motivo causador de guerras é a proposição de que a guerra traria benefícios econômicos para o Estado vencedor. Essa afirmação está longe de ser integralmente legítima, mas pode-se dizer que sim, a guerra traz benefícios econômicos, entretanto, essas vantagens, na maioria das vezes, são apenas de terceiros que lucram com o conflito através da venda de suprimentos, uma vez que estes não estão envolvidos e, portanto, não possuem baixas ou gastos com o embate. Cabe ressaltar ainda, que a ideologia também é uma das maiores causas atuais de guerras, bem como das guerras que ocorreram.

Acerca das consequências que isso traz para o indivíduo, é importante salientar que muitas guerras trouxeram consigo regimes totalitaristas e fascistas como forma de retaliação, além disso, podemos citar as consequências mais comuns provenientes das guerras: fome, destruição, alto nível de mortalidade e incapacitados, e os traumas que a comunidade adquiri. Em relação aos traumas, compete salientar que as guerras trouxeram impactos em relação ao comportamento humano, por conseguinte, as relações interpessoais passaram a ser mais “líquidas”, ou seja, mais superficiais, não havendo mais a necessidade de se conectar ao outro a fim de ter relações mais duradouras, pois o mundo passou a ser “descartável”. Ainda, há a proliferação da “banalidade do mal”, uma vez que os indivíduos não mais passam a analisar suas ações, ocasionando a falta de consciência no que tange aos horrores causados pela humanidade.

Desta forma, dos efeitos que perduram no nosso sistema internacional podemos citar a procura por uma paz duradora, visto que a guerra é a principal barreira para o alcance desta. A Cultura da Paz é uma discussão muito presente nos últimos debates acerca da segurança internacional entre os países, buscando sempre o bem comum através da paz. Essa mudança de foco também pode ser vista na chamada Guerra ao Terror, onde os Estados não mais buscam guerrear

entre si, mas se protegerem mutuamente frente às ameaças terroristas. Portanto, estamos vivendo em novos tempos, onde a solução está no alinhamento entre países para o combate ao inimigo comum, mesmo que estes Estados possam ter entre si suas ressalvas perante um ao outro, como é o caso da coalizão entre Estados Unidos e Rússia para o combate do grupo extremista Daesh.

Resultante disso, temos a atual crise humanitária dos refugiados que buscam em outros países oportunidades para sua sobrevivência. Todavia, há uma crescente onda de conservadorismo que visa vetar a entrada dos migrantes em suas fronteiras através de políticas anti-refugiados, como a construção de muros e cercas, sistemas burocráticos para a obtenção de permissões e vistos, além disso, houve o aumento da xenofobia por considerarem os refugiados uma ameaça a segurança dos nacionais residentes dos países em que eles tentam adentrar. Isso acontece em um momento onde a humanidade deveria estar unida para a oferecer ajuda e solidariedade a esses indivíduos, no entanto, o que vemos é apenas o individualismo humano. Sendo assim, o grande discurso presente hoje no campo da segurança interacional, o da Cultura da Paz, passa a ser apenas uma utopia e uma falácia.

Ora, a guerra está presente em nosso cotidiano mesmo sem que haja nossa compreensão, ela é intrínseca a nossa cultura por meio de ficções literárias, cinematográficas, músicas e jogos. Sem contar o fato que somos tão dependentes do uso da violência que sempre encaramos conflitos na comunidade internacional com ameaças de retaliação por meio armado, como é o caso atual dos EUA e Coréia do Norte. Não conseguimos aprender, mesmo com séculos de história, que a guerra não é a solução para nossos problemas, é apenas o começo de vários outros que tender a seguir-nos por toda a nossa eternidade, como é o caso de todas as outras guerras que de alguma forma contribuiu para o estado que nos encontramos hoje.

Portanto, a guerra, como foi explanado, possui muitas facetas e nenhuma delas pode contrapor o horror e os malefícios que esta traz para a humanidade. Mesmo que através dela possamos usufruir de muitas tecnologias, medicamentos, e mecânica que fora desenvolvida em decorrer de sua existência. Ademais, é necessário salientar aqui que a guerra não é apenas evolutiva, ela não possui começo, meio e fim, ela evolui e se transforma, se adapta, volta aos seus primórdios,

desta forma ela não deixar de cíclica ou acíclica – ela não funciona como um ciclo que possui começo, meio e fim, ela possui uma forma de espiral, pois, ao decorrer de sua trajetória, ela vai acompanhando a humanidade não só em suas conquistas, mas em sua degradação também – especialmente nela.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, Fiona. **International terrorism, nonstate actors, and transnational political mobilization: a perspective from International Relations**. In: ADORNO, “Educação contra a Barbárie”, in ADORNO, Educação e Emancipação, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGIER, Michel. **On the margins of the world: the refugee experience today**. Cambridge: Polity, 2008.

ARENDT, Hannah. **Eichmman em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

A Humanidade e a Guerra. Jornal de Cultura c2016. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/historia/a-humanidade-e-a-guerra/fotos>>. Acesso em 27 de setembro de 2017

A Propaganda Política Nazista. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

ANNAUD, Jean-Jacques. **A Guerra do Fogo (La Guerre du Feu)**. Canadá; França: International Cinema Corporation (ICC), Ciné Trail, Belstar Productions, 1981. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0082484/>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

ARAUJO, Gabriely. **Segunda Guerra Mundial – História, causas e consequências**. Estudo Prático. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/segunda-guerra-mundial-historia-causas-e-consequencias/>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

A Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://www.2guerramundial.com.br/a-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

BANCHER, Flávia. **A Queda do Muro de Berlim: e a presentificação da história**. Cotia: Editora Ateliê Editorial.

BALDAIA, Bárbara. **Por que devemos dizer "Daesh" em vez de "Estado Islâmico"?** TSF Notícias c2015. Disponível em: <<https://www.tsf.pt/internacional/interior/por-que-devemos-dizer-daesh-em-vez-de-estado-islamico-4890071.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

BANDEIRA, Luiz A. M. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BARTHOLOMEES Junior, J. Boone. **US Army College: Guide To National Security Issues. Volume I: Theory of War and Strategy.** Disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/ssi/guide_natsec_v1_2010.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRODIE, Bernard; HOWARD, Michael; PARET, Peter. **CARL VON CLAUSEWITZ: Da Guerra.** Disponível em: <<http://minhateca.com.br/MarcelSBU/Guerras/Carl+Von+Clausewitz+-+Da+Guerra,627775121.pdf>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

BERTONHA, João Fábio. **Hard, soft ou smart Power? Perspectivas para a nova política externa dos Estados Unidos.** Disponível em: <<http://www.ibri-rbpi.org/?p=12305>>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

BIERSTEKER, Thomas, et al. **International Law and International Relations: bridging theory and practice.** Nova Iorque, Routledge, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BUZAN, Barry. **Peace, Power, and Security: Contending Concepts in the Study of International** Source: Journal of Peace Research, Vol. 21, No. 2, Special Issue on Alternative Defense (Jun., 1984), pp. 109-125.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais.** Brasília: FUNAG, 2012.

CHAGAS, Paulo Victor. **Entenda as causas do conflito na Síria.** Guia do Estudante c2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/entenda-as-causas-do-conflito-na-siria/>>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

CHANDRAN, Suba. "Limited War: Revisiting Kargil in the Indo-Pak Conflict". India Research Press: Nova Deli, India, 2005.

Consequências da Primeira Guerra Mundial. Ação da História. Disponível em: <<http://juniorzolu.blogspot.com.br/2013/01/consequencias-da-1-guerra-mundial.html>>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

Consequências da Segunda Guerra Mundial. Slideplayer. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/5246569/>>. Acesso em 25 de outubro de 2017.

COUTO, A.C. Coronel, **Elementos de Estratégia, Volume II.** Lisboa: IAEM, 1989.

Declaração de Sevilha sobre a Violência. Espanha, 1986. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/sevilha.htm>>. Acesso em 28 de novembro de 2017.

EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Why War?** The Einstein-Freud Correspondence. Postdam; Viena: 1931-1932.

Entenda o Genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em 100 dias. BBC Brasil c2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

FERNANDES, Claudio; SILVA, Daniel Neves da. **Estado Islâmico – Grupo Terrorista.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/estado-islamicogrupo-terrorista.htm>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

GARCIA, Leandro. **Estratégias de acção: Guerra Clássica – a Guerra Limitada – a Guerra Subversiva.** Lisboa: 1994<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1635/1/NeD73_GarciaLeandro.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

Geografia. Semiextensivo 2. Curitiba: Dom Bosco, 2003.

GELINEAU, Kristen. **Migrantes e refugiados enfrentam mais hostilidade e perigos que no passado; entenda a história das migrações.** Folha de S. Paulo c2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/09/1684352-migrantes-e-refugiados-enfrentam-mais-hostilidade-e-perigos-que-no-passado-entenda-a-historia-das-migracoes.shtml>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

GERMANO, Maira. **Problematização do progresso: como como as guerras influenciam no progresso da globalização e sustentabilidade.** Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAfXLQAD/problematizacao-progresso-como-as-guerras-influenciam-no-progresso-globalizacao-sustentabilidade?part=2>>. Acesso em 5 de outubro de 2017.

GESSAT, Rachel. **1961: Julgamento de Adolf Eichmann.** DW. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1961-julgamento-de-adolf-eichmann/a-785685>>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

GOULÃO, José. **Cultura de Guerra.** Abril c2017. Disponível em: <<https://www.abrilabril.pt/cultura-de-guerra>>. Acesso em 25 de outubro de 2017.

Guerra do Vietnam. Mundo Educação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/guerra-vietna.htm>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

Guerra Fria. Sua pesquisa.com, 2017. Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/guerrafria>>. Acesso 19 de outubro de 2017.

Guerra Fria e Nova Ordem Mundial. Historia Online.com. Disponível em: <<https://historiaon.files.wordpress.com/2009/08/guerra-fria-e-nova-ordem-mundial-slides.pdf>>. Acesso em 19 de outubro de 2017.

Hungria aprova detenção de imigrantes em campos na fronteira. Publico c2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/03/07/mundo/noticia/hungria-aprova->

[detencao-de-migrantes-em-campos-na-fronteira-1764321](#)>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

Hungria começa construção de cerca elétrica para barrar imigrantes. Bom dia Brasil c2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/03/hungria-comeca-construcao-de-cerca-eletrica-para-barrar-imigrantes.html>>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

ISIS on World Cup 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=isis+world+cup+2018&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiOtoHDi5_XAhWJyyYKHSsKDt8Q_AUICygC&biw=1536&bih=732>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

KALICHESKI, Luciana. **Tipos de Guerra.** Disponível em: <http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=3635&idC=64279#>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

LIND, W. "Compreendendo as Guerras de Quarta geração". Military Review (port.), pg. 12-17, 2005.

LUCCI, Elian Alabi. **Geografia—o homem no espaço global.** São Paulo: Saraiva, 2003.

MAGNOLI, Demétrio, organizador. **História das Guerras.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2015

Malala Yousafzai: Biografia. IKRM. Disponível em: <<http://www.ikmr.org.br/malala-yousafzai-biografia/>>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

MEIRELES, Ana. **Polónia quer imitar Hungria e criar campos para imigrantes.** DN c2017. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/polonia-quer-imitar-hungria-e-criar-campos-para-imigrantes-6220456.html>>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

Mikhail Gorbatchev. Educação Uol. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/mikhail-gorbatchev.htm>>. Acesso em 19 de outubro de 2017.

MORTON, Caitlin. **12 Popular Songs You Never Knew Were About War.** Bable c2012. Disponível em: <<https://www.babble.com/entertainment/12-popular-songs-you-never-knew-were-about-war/>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

Muro de Israel. Mundo Educação c2017. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/muro-israel.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

Napalm & Agent Orange. The Vietnam War. Disponível em: <<https://vietnamawbb.weebly.com/napalm-agent-orange.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

O Declínio do Império Romano. O fascinante universo da História c2010. Disponível em: < <http://imperialroma.blogspot.com.br/2010/03/o-declinio-do-imperio-romano.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

O que foi a Guerra da Coreia? Mundo Estranho c2017. Disponível em: < <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-guerra-da-coreia/>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

PARISI, Maurício Orestes. **“A Guerra no longo século XIX”: Teorias da Guerra e Análise Histórica.** Disponível em: <<http://files.comunidades.net/massacres-e-genocidios/PARISI. A Guerra no Longo Sec XIX.pdf>>. Acesso em 27 de setembro de 2017.

PAYÃO, Felipe. **Ciberguerra: EUA atacam a Coreia do Norte com DDoS.** TECMUNDO c2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/seguranca/122616-ciberguerra-eua-atacam-coreia-norte-ddos.htm>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

PINTO, Teresa Nogueira. **Ruanda: Entra a segurança e a liberdade** .Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-91992011000400004&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

Primavera Árabe – resumo. Guia do Estudante c2012. Disponível em: < <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

PRESSE, France. **Entenda a disputa entre potências por trás da guerra civil na Síria.** G1 c2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/01/entenda-disputa-entre-potencias-por-tras-da-guerra-civil-na-siria.html>>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

RAIS, Diogo. **O que é Fake News?** Portal Mackenzie c2017. Disponível em: <<http://portal.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/artigo/o-que-e-fake-news/>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

Ribeiro, Ricardo Gomes. **Hannah Arendt – a Banalidade do Mal.** SCRIBD. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/58435223/Hannah-Arendt-Banalidade-Do-Mal>>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Luís César Barreto. **A primeira guerra mundial: a grande guerra: a paz dos vencedores: os legados da guerra.** São Paulo: Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1985.

Saiba quem foi o ditador Saddam Hussein. Folha Online c2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/mundo/ult94u103259.shtml>>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

SCHILLING, Voltaire. **As causas econômicas da Segunda Guerra Mundial.** Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/as-causas->

[economics-da-segunda-guerra-mundial,8c7842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/japao-contra-china-o-massacre-de-nanquim,8c7842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html)>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

_____. **Japão contra China: o massacre de Nanquim**. Terra. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/japao-contra-china-o-massacre-de-nanquim,8008affdfb1ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra: os 13 capítulos originais**; tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Clio Editora, 2008.

WING, Nick. **After 152 Mass Shootings In 2017, It Took An Attack On Congress To Get Our Attention**. HuffPost c2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/entry/congress-mass-shooting_us_59414b06e4b003d5948c8364>. Acesso em 30 de outubro de 2017.

WRIGHT, Quincy. **A Study Of War: Volume I**. Illinois: The University Of Chicago Press, 1942.

_____. **A Study Of War: Volume II**. Illinois: The University of Chicago Press, 1942.

ZIMERMAN, Artur. "Revisão bibliográfica da literatura quantitativa sobre os determinantes de guerra civil". BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 60.

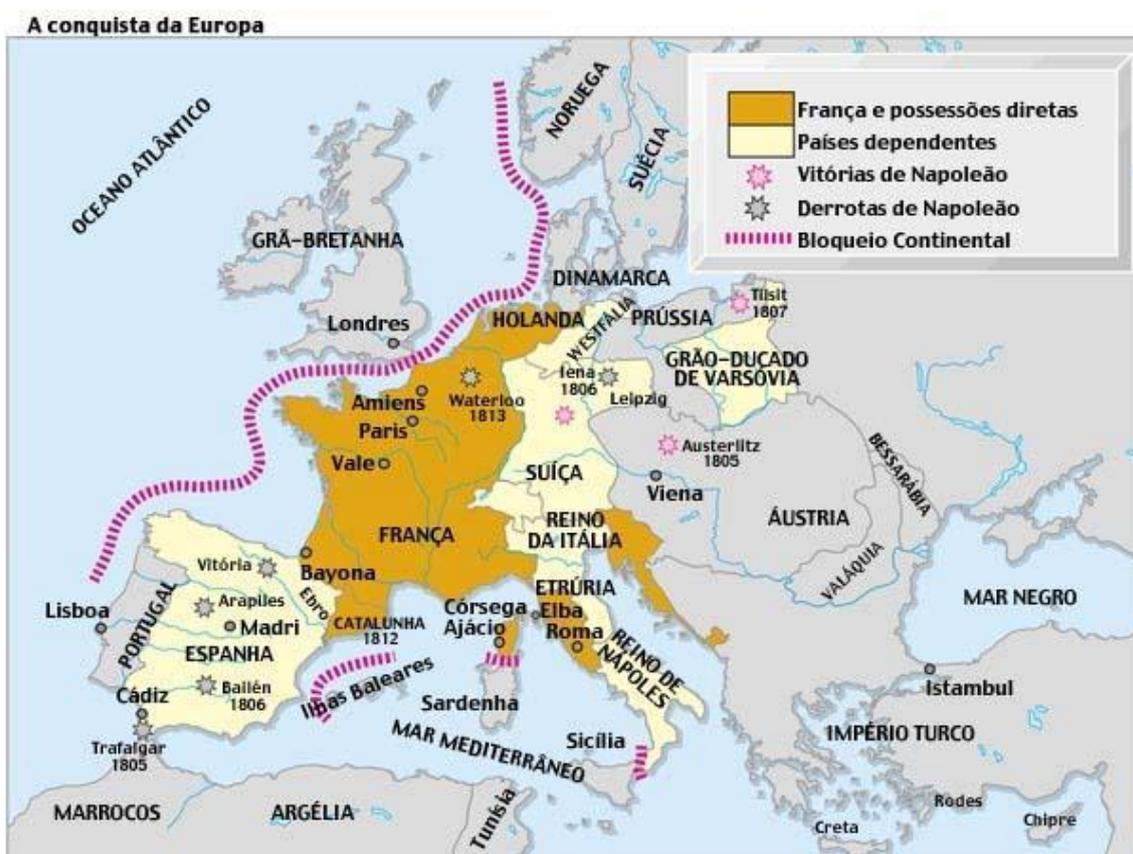
ANEXOS

ANEXO A – O GRAN CHACO, PALCO DE OPERAÇÕES DA GUERRA DO CHACO.



Fonte: Disponível em <http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=3635&idC=64279#>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

ANEXO B – BLOQUEIO CONTINENTAL DE NAPOLEÃO.



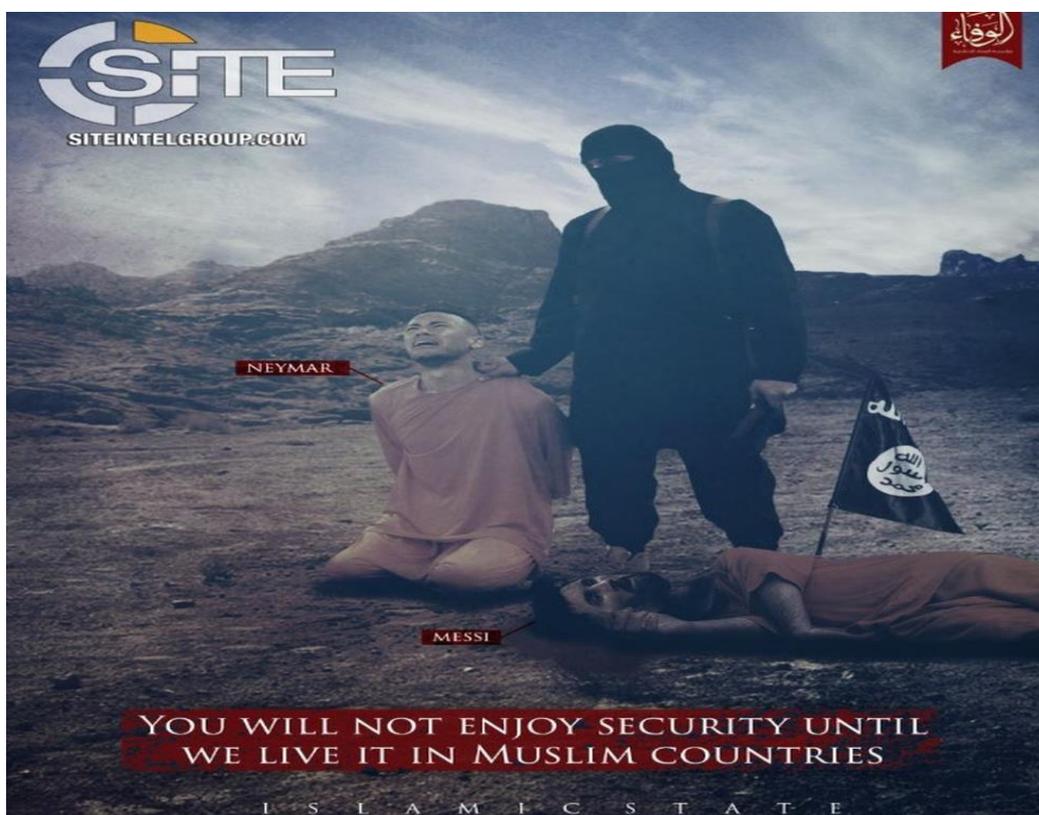
Fonte: Disponível em <http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=3635&idC=64279#>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

ANEXO C – “VOCÊ ESTÁ LUTANDO CONTRA UM ESTADO QUE NÃO POSSUI ‘FALHA’ EM SEU DICIONÁRIO”.



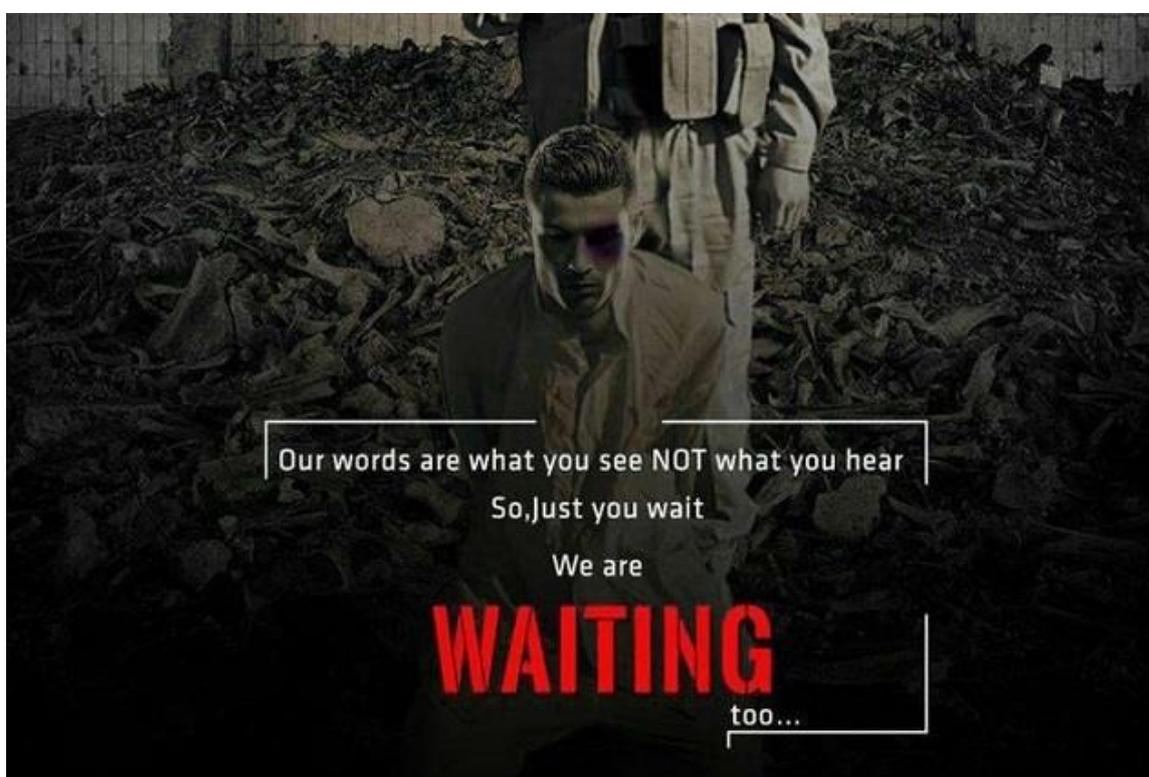
Fonte: Google Imagens.

ANEXO D – “VOCÊS NÃO CONHECERAM SEGURANÇA ATÉ VIVERMOS EM ESTADOS MULÇUMANOS”.



Fonte: *Google Imagens.*

ANEXO E – "NOSSAS PALAVRAS SÃO O QUE VOCÊ VÊ, NÃO O QUE VOCÊ OUVE. ENTÃO ESPERE. NÓS ESTAMOS ESPERANDO TAMBÉM...".



Fonte: *Google Imagens*.

ANEXO F – REVOLUÇÕES DOS ATAQUES MILITARES E REVOLUÇÕES MILITARES.

Table 1.1. *Revolutions in military affairs and military revolutions*

<p>Anticipatory RMAs of the Middle Ages and early modern era</p> <ul style="list-style-type: none"> - longbow, offensive-defensive strategy, gunpowder, new fortress architecture. <p>Military revolution 1: <i>the seventeenth-century creation of the modern state and of modern military institutions</i></p> <p>Associated and resultant RMAs:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dutch and Swedish tactical reforms, French tactical and organizational reforms, naval revolution, Britain's financial revolution; - French military reforms following the Seven Years' War. <p>Military revolutions 2 and 3: <i>the French and Industrial Revolutions</i></p> <p>Associated and resultant RMAs:</p> <ul style="list-style-type: none"> - national political and economic mobilization, Napoleonic warfare (battlefield annihilation of the enemy's armed forces); - financial and economic power based on industrialization (Britain); - technological revolution in land warfare and transport (telegraph, railroads, steamships, quick-firing smokeless-powder small-arms and artillery; automatic weapons); - the Fisher revolution in naval warfare: the all-big-gun battleship and battlefleet (1905-14). <p>Military revolution 4: <i>the First World War irrevocably combines its three predecessors</i></p> <p>Associated and resultant RMAs:</p> <ul style="list-style-type: none"> - combined-arms tactics and operations, Blitzkrieg operations, strategic bombing, carrier warfare, submarine warfare, amphibious warfare, radar, signals intelligence. <p>Military revolution 5: <i>nuclear weapons and ballistic missile delivery systems</i></p> <p>Associated and resultant RMAs:</p> <ul style="list-style-type: none"> - precision reconnaissance and strike; stealth; computerization and computer networking of command and control; massively increased lethality of "conventional" munitions.
--

Fonte: KNOX and MURRAY. *The Dynamics of military Revolution: 1300-2050*.
 Cambride: Cambridge University Press.